

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**

**JULIANA DA ROSA MAIA RESSETTI VIANNA**

**INFLUENCIADORES DIGITAIS E BRANQUITUDE: UM ESTUDO DE CASO  
SOBRE AS MOTIVAÇÕES E FORMAS DE ABORDAR A BRANQUITUDE NAS  
PLATAFORMAS DIGITAIS**

**CURITIBA**

**2023**

**JULIANA DA ROSA MAIA RESSETTI VIANNA**

**INFLUENCIADORES DIGITAIS E BRANQUITUDE: UM ESTUDO DE CASO  
SOBRE AS MOTIVAÇÕES E FORMAS DE ABORDAR A BRANQUITUDE NAS  
PLATAFORMAS DIGITAIS**

**DIGITAL INFLUENCERS AND WHITENESS: A CASE STUDY ON THE  
MOTIVATIONS AND WAYS TO APPROACH WHITENESS ON DIGITAL  
PLATFORMS**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestra em Administração pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador (a): Prof<sup>o</sup> Dr. Francis Kanashiro Meneghetti.

**CURITIBA**

**2023**



Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação**  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
**Campus Curitiba**



JULIANA DA ROSA MAIA RESSETTI VIANNA

**INFLUENCIADORES DIGITAIS E BRANQUITUDE: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS MOTIVAÇÕES E FORMAS DE ABORDAR A BRANQUITUDE NAS PLATAFORMAS DIGITAIS**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Administração da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Organizações E Tecnologia.

Data de aprovação: 18 de Abril de 2023

Dr. Francis Kanashiro Meneghetti, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Giovanna Pezarico, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Josiane Silva De Oliveira, Doutorado - Universidade Estadual de Maringá (Uem)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 18/04/2023.

*Dedico este trabalho ao meu esposo Fernando, que me inspira todos os dias.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, o Professor Francis Kanashiro Meneghetti por ser um exemplo de ser humano, de professor e por acreditar no meu projeto e em mim. Pelos ensinamentos, pela generosidade e pela compreensão em todo o período do meu mestrado.

Agradeço às queridas Professoras Josiane Silva Oliveira e Giovanna Pizarico por tornarem as aulas do mestrado uma tarefa muito mais agradável e enriquecedora e por me honrarem com suas contribuições nesta dissertação.

Agradeço, também, aos demais professores do Programa, em especial, ao Professor Leonardo Tonon e à Professora Juliana Baldini Tonon, pela amizade e por me incentivarem, a fazer o mestrado aquela vez na confeitaria.

Agradeço a todos os meus colegas pela força e ombro amigo (mesmo que virtual) nos momentos difíceis desta trajetória.

Por fim, agradeço aos meus pais, Pedro e Veronica, por não medirem esforços para que eu me tornasse quem eu sou e ao meu esposo Fernando que, sempre com muito carinho, me apoiou e me incentivou para que eu acreditasse que poderia chegar até aqui.

*“Racismo nunca deveria ter acontecido, então você não ganha um cookie por reduzi-lo”.*  
(Chimamanda Ngozi Adichie).

## RESUMO

Esta dissertação sustenta o argumento de que influenciadoras e influenciadores brancos são privilegiados no meio digital, pois conseguem maior engajamento nas redes sociais e obtêm mais projetos profissionais e reconhecimento que influenciadoras e influenciadores não brancos. No entanto, em que pese a relevância do assunto, verificou-se que estudos sobre branquitude nos meios digitais ainda são incipientes. Dessa forma, a presente pesquisa se justificou pela possibilidade de contribuir para a formação de um corpo de estudos sobre o tema da branquitude nas organizações, sobretudo a branquitude no Brasil e em organizações digitais, nas áreas de Administração e Estudos Organizacionais. Além disso, a possibilidade de evidenciar fatores que pudessem motivar outras pessoas brancas a utilizarem seu alcance para tangenciar temas relevantes para a sociedade como branquitude e racismo e a possibilidade de aprofundamento intelectual da pesquisadora, enquanto mulher branca estudando branquitude, serviram como justificativa para os estudos.

Nesse contexto, o objetivo geral da pesquisa foi realizar uma análise crítica das motivações e da categoria Branquitude a partir das postagens da personagem Blogueirinha do Fim do Mundo e das reações dos seus seguidores a estas abordagens no Youtube e Instagram. Os objetivos específicos buscaram identificar quais as possíveis motivações da Maria Bopp para criar a referida personagem, analisar as formas como a influenciadora aborda as temáticas raciais e da branquitude, bem como analisar as características dos comentários dos seus seguidores no Instagram. Para averiguar como isso ocorre, desenvolveu-se um estudo de caso, com abordagem mista ou pragmática, e o e os dados foram analisados com a utilização do método de análise de conteúdo. Ao final da pesquisa, constatou-se que não é possível afirmar que os vídeos da Blogueirinha do Fim do Mundo propiciem alguma alteração concreta na estrutura racial ou nos privilégios da branquitude abordados pela literatura. Pelo contrário, os dados evidenciaram que o conteúdo dos referidos vídeos proporciona a manutenção da hegemonia branca e dos privilégios da branquitude.

Palavras-chave: branquitude; racismo estrutural; influenciadores digitais; redes sociais.

## ABSTRACT

This dissertation supports the argument that white influencers are privileged in the digital environment, as they achieve greater engagement on social networks and obtain more professional projects and recognition than non-white influencers. However, despite the relevance of the subject, it was found that studies on whiteness in digital media are still incipient. Thus, the present research was justified by the possibility of contributing to the formation of a body of studies on the subject of whiteness in organizations, especially whiteness in Brazil and in digital organizations, in the areas of Administration and Organizational Studies. In addition, the possibility of highlighting factors that could motivate other white people to use their reach to touch on issues relevant to society, such as whiteness and racism, and the possibility of the researcher's intellectual deepening, as a white woman studying whiteness, served as a justification for the studies.

In this context, the general objective of the research was to analyze the possible tensions between the motivations of the digital influencer Maria Bopp to create her character *Blogueirinha do Fim do Mundo* and the reactions of her followers to this type of approach. The specific objectives sought to identify Maria Bopp's possible motivations for creating that character, to analyze the ways in which the influencer approaches racial and white themes, as well as to analyze the characteristics of her followers' comments on Instagram. To find out how this occurs, a case study was developed, with a mixed or pragmatic approach, and the data were analyzed using the content analysis method. At the end of the research, it was found that it is not possible to state that the videos of *Blogueirinha do Fim do Mundo* provide some concrete change in the racial structure or in the white privileges addressed by the literature. On the contrary, the data showed that the content of the aforementioned videos maintains white hegemony and the privileges of whiteness.

Keywords: whiteness; structural racism; digital influencers; social media.



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Vídeos utilizados na pesquisa, datas de sua publicação, o número de visualizações, likes e a plataforma onde foram visualizados.....</b>	<b>43</b>
<b>Quadro 2 – As três categorias analíticas de motivações e suas respectivas subcategorias e códigos.....</b>	<b>45</b>
<b>Quadro 3 – Categorias analíticas da entrevista no Programa Sexta Black, subcategorias e seus respectivos códigos.....</b>	<b>47</b>
<b>Quadro 4 – As cinco categorias analíticas dos vídeos/<i>reels</i> do Instagram.....</b>	<b>53</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Nuvem de palavras 1 - comentários que demonstram concordância ou aprovação em relação ao conteúdo dos vídeos.....</b>	<b>61</b>
<b>Nuvem de palavras 2 - comentários que demonstram discordância ou desaprovação em relação ao conteúdo dos vídeos.....</b>	<b>62</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 - Apresenta os <i>emojis</i> que demonstram concordância ou aprovação em relação ao conteúdo dos vídeos.....</b>	<b>62</b>
<b>Tabela 2 - Evidencia os <i>emojis</i> que demonstram discordância ou desaprovação.....</b>	<b>63</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1</b>	<b>Formulação do problema de pesquisa .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2</b>	<b>Objetivos da pesquisa .....</b>	<b>15</b>
1.2.1	Objetivo Geral .....	16
1.2.2	Objetivos Específicos .....	16
<b>1.3</b>	<b>Justificativas .....</b>	<b>16</b>
1.3.1	Justificativa Teórica.....	16
1.3.2	Justificativa Prática.....	17
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1</b>	<b>Racismo Estrutural.....</b>	<b>18</b>
2.1.1	O Mundo nem sempre foi racista.....	18
2.1.2	Relações Raciais no Brasil: da escravidão ao racismo estrutural.....	21
<b>2.2</b>	<b>Branquitude .....</b>	<b>30</b>
2.2.1	Estudos Críticos Sobre Branquitude No Brasil .....	30
2.2.2	Tipos de Branquitude e suas características .....	31
<b>2.3</b>	<b>Plataformas digitais e influenciadores digitais.....</b>	<b>35</b>
2.3.1	O início da Internet .....	36
2.3.2	Definição de plataformas digitais .....	36
2.3.3	Redes e mídias sociais .....	37
2.3.4	Influenciadores digitais.....	39
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>41</b>
<b>3.1</b>	<b>Contextualização.....</b>	<b>42</b>
<b>3.2</b>	<b>Procedimentos de coleta de dados.....</b>	<b>42</b>
<b>3.3</b>	<b>Apresentação e análise dos resultados .....</b>	<b>44</b>
3.3.1	Análise qualitativa dos vídeos/reels .....	44
<u>3.3.1.1</u>	<u>Vídeos do Youtube .....</u>	<u>44</u>
3.3.1.1.1	<i>Categoria Branquitude Crítica.....</i>	<i>49</i>
3.3.1.1.2	<i>Categoria Branco Salvador.....</i>	<i>50</i>
3.3.1.1.3	<i>Categoria Privilégios da branquitude.....</i>	<i>51</i>
<u>3.3.1.2</u>	<u>Vídeos do Instagram .....</u>	<u>52</u>
3.3.1.2.1	<i>Categoria Fragilidade Branca .....</i>	<i>55</i>
3.3.1.2.2	<i>Categoria Branco Salvador.....</i>	<i>56</i>
3.3.1.2.3	<i>Categoria Pactos Narcísicos da branquitude.....</i>	<i>58</i>

3.3.1.2.4	<i>Categoria Branquitude Acrítica</i> .....	58
3.3.1.2.5	<i>Categoria Racismo Recreativo</i> .....	59
3.3.2	Análise quantitativa dos comentários dos vídeos/ <i>reels</i> do Instagram .....	60
<b>4</b>	<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>66</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>71</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Bento, em seu livro intitulado “O pacto da branquitude (2002, p.7), define branquitude como “um lugar de privilégio racial, econômico e político, no qual a racialidade, não nomeada como tal, carregada de valores, de experiências, de identificações afetivas, acaba por definir a sociedade”. Dessa definição, decorre o fato de que a branquitude, por diversos mecanismos, atua silenciosamente na defesa e manutenção de seus privilégios (BENTO, 2002; GOUVÊA e OLIVEIRA, 2020; SCHUCMAN, 2018), pois se utiliza, dentre outros subterfúgios, da negação do racismo e do não reconhecimento da própria condição racial.

Dentre essas maneiras de atuação da branquitude, Gouvêa e Oliveira (2020) localizam-nas dentro das organizações que, por meio de suas práticas, reproduzem as desigualdades raciais presentes na sociedade. O fenômeno da branquitude se beneficia, também, as dos algoritmos e plataformas digitais, uma vez que as pessoas brancas possuem o poder econômico e, conseqüentemente, o conhecimento, necessários para manter o domínio hegemônico sobre os recursos tecnológicos e quais valores ideológicos estes recursos conterão (KATZ, 2020). Dessa forma, o papel de influenciadores digitais tem se tornado cada vez mais importante.

Isso porque, no período anterior ao do mundo digitalizado em que vivemos, as pessoas costumavam ser influenciadas por grandes pensadoras e pensadores (em sua maioria homens brancos) que detinham a exclusividade dos meios e ferramentas necessários para construir conhecimento e influenciar o mundo com suas ideologias e valores. Nesse período, destacavam-se grandes nomes da filosofia, das artes e da ciência. No entanto, com o advento dos computadores, da internet globalizada e, principalmente, das plataformas digitais e redes sociais, o papel de influenciador já não está somente nas mãos daqueles que, outrora, detinham este poder com exclusividade. Isso porque, o ato de influenciar o modo de agir e de pensar das pessoas passou a ser desempenhado, também e cada vez mais, por pessoas que podem ser comuns ou famosas, com conhecimentos técnicos ou não e com variadas características socioeconômicas, desde que tenham em mãos um computador ou smartphone com acesso à internet e um pouco de criatividade.

Sobre o assunto, afirma-se que “o Brasil é o país dos influenciadores” (CASTRO, 2022) porque apenas no Instagram, existem 10,5 milhões de influenciadores com pelo menos 1 mil seguidores cada um (LESSA, 2022). Sabe-se, ainda, que influenciadoras e influenciadores brancos são privilegiados no meio digital, pois têm maior engajamento nas redes sociais e conseguem 30% mais projetos que influenciadoras e influenciadores não brancos (VELLEDA, 2021).

Contudo, apesar da sua evidente importância, no Brasil, especialmente na área de Administração, o tema ainda é recente e pouco pesquisado (GOUVÊA e OLIVEIRA, 2020; SCHUCMAN, 2020). Diante disso, para explorar novas possibilidades de pesquisa sobre a relação entre branquitude e organizações digitais, o presente estudo foi orientado pelo seguinte problema de pesquisa: de que forma a influenciadora digital Maria Bopp aborda questões relacionadas às temáticas raciais e da branquitude e quais as repercussões que ela causa em seus seguidores no Instagram com esta abordagem?

Maria Bopp (@mariabopp) tem 31 anos e se autodeclara branca, de família branca, com descendência europeia. É natural de São Paulo/SP e possui formação em audiovisual. É atriz, humorista, roteirista, influenciadora digital e criadora da personagem “Blogueirinha do Fim do Mundo”. Atualmente conta com 62,5 mil inscritos em seu canal do Youtube e 1,1 milhão de seguidores no seu perfil do Instagram. Em entrevista concedida ao Canal Inconsciente Coletivo, Maria Bopp afirmou que a Blogueirinha do Fim do Mundo é “essencialmente uma pessoa equivocada” que, enquanto o mundo está acabando, sua única preocupação é fazer tutorial de maquiagem para aparecer linda diante dos seus espectadores (CANAL INCONSCIENTE COLETIVO, 2020). Fonte da imagem: Instagram.

Na maioria dos vídeos encontrados no Instagram, Maria Bopp aparece representando a Blogueirinha do Fim do Mundo e ela se utiliza de ironia e sarcasmo para falar, de forma crítica e bem humorada, sobre diversos temas como racismo, branquitude, feminismo e política.

Alguns de seus conteúdos contam com mais 92 mil likes, como é o caso do vídeo intitulado Empresa Antirracista, postado no Instagram. A referida personagem apresenta diversas características encontradas na literatura como relacionadas à branquitude, como por exemplo, aspectos relacionados à Fragilidade Branca, ao Branco Salvador, aos Pactos Narcísicos da Branquitude, à Branquitude Acrítica e ao Racismo Recreativo. De forma semelhante, verificou-se que, nas entrevistas concedidas pela Maria Bopp no Youtube, ou seja, quando não está representando a sua personagem mais afamada, outras características da branquitude são evidenciadas, como por exemplo, a Branquitude Crítica e os Privilégios da Branquitude.

Em alguns dos vídeos da Blogueirinha do Fim do Mundo, Maria Bopp contracenou com o ator negro Marcos Felipe Oli. Marcos Felipe tem 27 anos, é Técnico em Teatro Musical, possui Licenciatura em Teatro, integra o Grupo TAPZ de sapateado e já atuou em diversas produções da televisão e do teatro, além de ser roteirista e influenciador digital (BAA, 2023).

Nesse contexto, para se responder ao problema da presente pesquisa, desenvolveu-se um estudo qualitativo, por meio do método de estudo de caso que permite que a pesquisadora

investigue as relações entre o fenômeno e os contextos social, político e econômico, que o circundam (STAKE, 2011). Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo dos vídeos transcritos, com base nas orientações de Bardin (1977), com o objetivo de identificar as motivações da influenciadora digital branca Maria Bopp para abordar temas relacionados ao racismo e à branquitude em seu conteúdo digital, assim como identificar os tipos de reações dos seus seguidores para verificar o impacto causado por esta abordagem.

O desenvolvimento do trabalho ocorreu em três etapas, sendo a primeira a visualização e transcrição do conteúdo produzido pela influenciadora digital em seu perfil do Instagram e visualização e transcrição das entrevistas que a Maria Bopp concedeu a diferentes programas/canais no Youtube. Na segunda etapa, foram coletados todos os comentários dos seguidores da Maria Bopp nos vídeos selecionados para esta pesquisa e inseridos no programa Atlas.TI. A terceira etapa consistiu na análise dos dados coletados nas etapas anteriores, na qual foram analisadas tanto as características da branquitude encontradas nos vídeos da personagem Blogueirinha do Fim do Mundo, quanto as encontradas nas falas da Maria Bopp em suas entrevistas. Por fim, foram analisados os tipos de reações dos seguidores da Maria Bopp encontrados nos comentários dos vídeos selecionados.

### **1.1 Formulação do problema de pesquisa**

O problema de pesquisa apresentado na presente dissertação decorreu da oportunidade de relacionar dois temas que vêm ganhando atenção nos estudos de Administração, que são a branquitude e o advento das plataformas digitais. Os dois temas contam com importantes pesquisas e iniciativas nos últimos anos, como os estudos sobre branquitude promovidos por Bento (2002), Schucman (2020), Gouvêa e Oliveira (2021) e Cardoso (2011, 2014) e com os estudos sobre plataformas digitais empreendidos por Baym (2015), Stevenson (2018), Diangelo (2018) e Araújo e Silva (2020), dentre outros (BOYD; ELLISON, 2008; O'REILLY, 2007; TREEM; LEONARDI, 2013).

Assim, o presente estudo buscou responder ao seguinte problema de pesquisa: de que forma a influenciadora digital Maria Bopp aborda questões relacionadas às temáticas raciais e da branquitude e que tipo de repercussão ela causa em seus seguidores no Instagram com este tipo de abordagem?

### **1.2 Objetivos da pesquisa**

A seguir, serão apresentados os objetivos geral e específicos da pesquisa.



### 1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral da pesquisa é realizar uma análise crítica das motivações e da categoria branquitude a partir das postagens da personagem Blogueirinha do Fim do Mundo e das reações dos seus seguidores a estas abordagens no Youtube e Instagram.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar possíveis motivações que levam ou levaram a influenciadora digital a criar a personagem Blogueirinha do Fim do Mundo e abordar temáticas raciais e de branquitude;
- Analisar as formas como a influenciadora digital aborda as temáticas raciais e da branquitude;
- Analisar as características dos comentários dos seguidores da influenciadora na rede social Instagram a fim de se verificar o tipo de impacto causado pela abordagem da influenciadora.

## 1.3 Justificativas

A seguir, serão apresentadas as justificativas teórica e prática da pesquisa.

### 1.3.1 Justificativa Teórica

O desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa-indutiva decorre da importância em se preencher uma lacuna existente na literatura (PRATT, 2009). Assim, consideramos duas dimensões principais que justificam a presente pesquisa: teórica e prática.

A justificativa teórica envolve dois principais pontos que evidenciam a importância do presente estudo. O primeiro está relacionado ao fato de os estudos sobre branquitude na área de Administração no Brasil serem iniciais, focando, especialmente, em temas como branquitude na academia e nas organizações (GOUVÊA e OLIVEIRA, 2020a; SILVA et. al, 2020; GOUVÊA e OLIVEIRA, 2020b; GOUVÊA et al., 2021). Além disso, conforme evidenciou Cardoso (2014), no Brasil há uma frequência maior de trabalhos sobre branquitude realizados por mulheres que por homens e, dentre homens e mulheres brancas, as mulheres demonstram maior disposição para discutir a sua pertença racial, bem como de colocar o branco como objeto nas pesquisas sobre relações raciais (CARDOSO, 2014).

E o segundo está relacionado ao fato de a temática da branquitude ainda não ser foco dos estudos sobre tecnologia e plataformas digitais nos estudos de Administração, embora

possamos observar pesquisas como as realizadas pelo pesquisador Tarcizio Silva (SILVA, 2020), permitindo, assim, importantes avanços nesse aspecto.

Dessa forma, teoricamente, essa pesquisa é justificada por contribuir para a formação de um corpo de estudos sobre o tema da branquitude nas organizações, sobretudo a branquitude no Brasil e em organizações digitais, nas áreas de Administração e Estudos Organizacionais.

### 1.3.2 Justificativa Prática

Apesar de a tecnologia, muitas vezes, ser apresentada como um campo neutro, estudos anteriores mostram que as plataformas digitais também servem como ambientes de práticas racistas e discriminatórias. Isso porque, historicamente, as posições de poder, dentro e fora das organizações, são ocupadas e mantidas por pessoas brancas, de forma hegemônica. Tal condição é responsável direta pela construção, reprodução e manutenção de privilégios construídos historicamente em favor dos brancos.

Portanto, a justificativa prática da presente pesquisa está relacionada a compreender de que forma uma influenciadora branca utiliza seu alcance nas plataformas digitais para abordar a temática da branquitude e quais suas motivações para isso, bem como compreender as reações dos seus seguidores a este tipo de abordagem.

Desse modo, observamos a possibilidade de evidenciar fatores que possam motivar outras pessoas brancas a utilizarem seu alcance para tangenciar temas relevantes para a sociedade como branquitude e racismo.

Outrossim, além do interesse acadêmico, tendo em vista as poucas pesquisas sobre o tema, outro fator que impulsiona a pesquisa se origina no desejo da pesquisadora por aprofundar o seu conhecimento sobre um privilégio que vivencia: o privilégio de ser branca em uma sociedade estruturalmente racista.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Considerando-se o objetivo da presente pesquisa, nesta seção serão abordadas as principais considerações teóricas que serviram como base para o desenvolvimento do estudo.

Primeiramente, realizou-se uma breve análise sobre a construção do racismo ao longo da história da humanidade. Posteriormente, foram analisadas as questões históricas, sociais e políticas que permearam as relações raciais no Brasil, desde a escravidão, passando pelo pensamento eugenista, pela política imigrantista e pela democracia racial até se chegar ao conceito de racismo estrutural.

Em seguida, apresentaram-se os principais pontos relacionados ao conceito de branquitude, aos tipos de branquitudes e suas características, desde o início dos estudos críticos sobre o assunto nos Estados Unidos e no Brasil, até os dias de hoje.

Por fim, destacou-se como se deu o início da Internet, passando pela definição de plataformas digitais, redes ou mídias sociais e pelo compartilhamento de conteúdo por influenciadoras e influenciadores digitais.

### **2.1 Racismo Estrutural**

Neste capítulo, abordaremos aspectos relevantes sobre o racismo estrutural.

#### **2.1.1 O Mundo nem sempre foi racista**

Schucman (2020), afirma que o racismo é uma ideologia cuja construção tem início no século XVI, quando a civilização europeia entra em contato com a pluralidade humana existente nos diferentes continentes e, desde então, inicia a sistematização de ideias e valores que se consolidará, no século XIX, com as teorias científicas sobre o conceito de raça.

De forma semelhante, Guimarães (1999) argumenta que o racismo teve sua origem com a difusão de uma ideologia justificadora da desigualdade entre os seres humanos conquistados não em virtude do poder e força dos conquistadores, mas por uma suposta desigualdade inerente às raças humanas. Essa desigualdade que, inicialmente era temporária e mantida pelas conquistas e pelas armas, posteriormente se tornou permanente em decorrência da disseminação da ideologia cientificista do século XIX (GUIMARÃES, 1999).

Em contrapartida, Moore (2007) afirma que é possível se verificar a presença de racismo, ainda que rudimentar ou, também denominado proto-racismo, nos textos sagrados mais antigos, por volta dos anos 1000 e 500 a.C. (MOORE, 2007). Além de Moore, outros autores afirmam que o racismo teria origem na antiguidade, pois os povos antigos vivenciaram

formas de preconceito, não baseadas na raça e sim na etnia, que podem ser consideradas formas rudimentares de racismo ou “proto-racismo” (ISAAC, 2013; GARCIA, 2018). O fundamento dessas formas de preconceitos se assentaria no pensamento monoteísta judaico e grego e (ISAAC, 2013; GARCIA, 2018), posteriormente, esse proto-racismo teria sido assimilado pelo Cristianismo, dando origem ao racismo propriamente dito (GARCIA, 2018).

No entanto, nos estudos sobre concepções de diferenças no mundo antigo predomina o pensamento de que não existia nenhum conceito equivalente ao de raça entre os gregos, romanos e os primeiros cristãos (MUNANGA, 2006; FREDRICKSON, 2015). Diferentemente do conceito de raça, estes povos utilizavam os conceitos de “ethnos” ou “natio”, que não eram sinônimos de raça (MUNANGA, 2006, p. 54), pelo que se pode afirmar que não existia a ideia de racismo em sua acepção ideológica moderna (FREDRICKSON, 2015; SCHUCMAN, 2020).

Ou seja, nos trabalhos sobre o tema, em que pesem algumas posições dissonantes, prevalece o pensamento de que antes da colonização do continente americano pelos europeus (QUIJANO, 2005) e das teorias científicas do século XIX (SCHUCMAN, 2020; GUIMARÃES, 1999), não se pode falar na existência de racismo como ideologia de dominação e discriminação em seu sentido moderno (SCHUCMAN, 2020).

Dessa forma, até o século XIX, o fundamento do racismo era precipuamente religioso e étnico. Na Grécia e na Roma antigas, por exemplo, era a efetiva participação da vida política que determinava a cidadania plena (HOFBAUER, 2006, p.42), mas a partir da disseminação das três maiores religiões que se estabeleceriam na região do Mediterrâneo (Judaica, Cristã e Islâmica), as dinâmicas de participação ou não, na vida política, passaram a se estruturar como uma “questão de fé”, com base nas interpretações de livros sagrados que articularam a substituição entre “cidadão” e “não-cidadão” para “irmão-de-fé” e “inimigo-de-fé” (HOFBAUER, 2006, p.42).

Uma característica comum a essas três religiões é que elas pressupunham que a espécie humana tinha uma origem única e que as diferenças entre seres humanos residiam em suas crenças, o que validava a possibilidade de que a disseminação de sua fé religiosa ultrapassasse fronteiras étnicas (HOFBAUER, 2006). Outra característica comum entre as religiões judaica, cristã e islâmica é que, na sua origem, todas elas faziam o uso de escravos como se fosse algo natural e a escravidão era associada, nos livros sagrados (Torá, Velho e Novo Testamento e Alcorão), à humildade e submissão, características almejavéis nas relações dos escravos com seus senhores na Terra e com Deus (HOFBAUER, 2006).

Com relação, especificamente, à escravidão negra, verifica-se que ela passou a ser encarada como natural a partir da propagação de uma lenda muçulmana segundo a qual o filho

de Noé chamado Ham (também chamado de Cam) cometeu um pecado e foi amaldiçoado, assim como seus descendentes, a ser negro por conta disso (MUNANGA, 2006). Ao longo do tempo foram tantas interpretações sobre a lenda que, atualmente, é pouco provável que se saiba como se originou essa “deturpação evidente” do texto bíblico (PÉTRÉ, 2009, p. 48). O fato é que, durante séculos, essa lenda foi utilizada como elemento fundamental das justificativas políticas de diferenciação de seres humanos (HOFBAUER, 2006), tendo recebido maior destaque após o século VII, no mundo muçulmano, com o desenvolvimento do tráfico negreiro, e depois do século XV, na América (PETRÉ, 2009).

Nesse contexto, a expansão das grandes navegações europeias, datadas dos séculos XV e XVI, marcam o momento histórico que dá início ao sistema de classificação dos seres humanos em raças (CARVALHO, 1998; HALL, 1995; ALMEIDA, 2020). A busca por novos consumidores e matéria prima, unida à superioridade técnica da Europa à época, possibilitaram a expansão do estilo de vida europeu para lugares antes inexplorados por aquele continente, como as Américas, África e Ásia (CARVALHO, 1998). Espanha e Portugal saíram à frente dos outros países europeus nesta jornada.

Assim, em 1492 tem início a expansão colonial das monarquias espanhola e portuguesa para o Novo Mundo e, para alguns autores, inicia-se a Modernidade da civilização ocidental (WILLIAMS, 2012; PINTO e MIGNOLO, 2015). À época, além da Espanha, Portugal também já havia iniciado a transição do período feudal para o período renascentista e juntas, as duas nações formaram a primeira região da Europa a experimentar a possibilidade de definir a outros povos como dominados e a si mesmos como conquistadores/exploradores destes povos (DUSSEL, 1994).

O encontro desses exploradores europeus com os povos nativos do Novo Mundo foi marcado pela violência e pelo silenciamento das culturas locais, por meio da utilização de políticas cruéis de conquista e dominação (HALL, 1995; KILOMBA, 2020). Isso foi possível porque a superioridade técnica da Europa e do seu “aparato civilizatório”, disseminado pelas navegações, deslumbrava os povos nativos e possibilitou, mas não determinou, a sua dominação (CARVALHO, 1998, p. 94). De fato, o que foi determinante para o sucesso da dominação europeia sobre esses povos foi a adoção de simbologias que a justificavam.

Assim, aliada à superioridade técnica havia a imposição dos valores e ideologias europeus aos povos dominados, vistos como inferiores, cujas vidas eram consideradas dispensáveis (CARVALHO, 1998; MIGNOLO, 2017). Como a religião católica era a ideologia dominante na Europa, durante muito tempo, a justificativa para o racismo e escravização dos povos originários das Américas, da África e da Ásia se fundamentava nela, tendo em vista que

a Igreja Católica classificava esses povos como pagãos, desprovidos de alma e entendia que somente o processo de conversão ao cristianismo e a escravização lhes traria a salvação divina (MIGNOLO, 2017; LANDER, 2005).

Pinto e Mignolo afirmam que outros eventos de expansão colonial e imperial ocorreram em períodos anteriores ao aqui mencionado, mas nenhum deles foi capaz de promover um discurso tão “universalista” e “totalitário” quanto o que foi construído pelos europeus a partir do Renascimento (MIGNOLO, 2015, p.388). Isso foi possível porque, sob o argumento de uma pretensa missão civilizatória, os europeus criaram identidades raciais como “índios”, “negros” e “mestiços” e as associaram à inferioridade (QUIJANO, 2005).

Da mesma maneira, redefiniram identidades que antes remetiam apenas à procedência geográfica ou nacionalidade como “espanhol”, “português” e “europeu”, de modo que essas identidades também passaram a ter conotação racial e foram associadas à superioridade (QUIJANO, 2005).

### 2.1.2 Relações Raciais no Brasil: da escravidão ao racismo estrutural

No Brasil, desde 1530 a Coroa portuguesa promoveu a construção de unidades açucareiras e, a partir da associação da produção brasileira aos polos mercantis da Europa e estruturação do tráfico de escravos entre Brasil e África (MARQUESE, 2006), foi possível alavancar o desenvolvimento significativo e duradouro da indústria de açúcar escravista brasileira (MILLER, 1997). Posteriormente, o complexo açucareiro brasileiro se tornaria o cerne do império português e a maior preocupação para outros mercados europeus devido ao seu grande sucesso (SCHWARTZ, 2006).

Simultaneamente, o tráfico negreiro transatlântico foi aperfeiçoado com técnicas para se transportar grandes quantidades de africanos (MILLER). Entre 1576 e 1625, o número de africanos escravizados no Brasil passou de, aproximadamente, 40 mil para 150 mil, sendo a maioria deles alocada em trabalhos nos canaviais e engenhos de açúcar (MARQUESE, 2006).

O trabalho escravo nesses engenhos, as grandes propriedades e a produção voltada para o mercado externo foram, desde o início, as bases sobre as quais se assentou o modo de produção escravista do sistema colonial (MOURA, 1994; SOUZA et al, 2019). Este, por sua vez, se mantinha porque as posições extremamente desiguais promovidas pelo vínculo de dependência do Brasil com o mercado mundial, permitia que as metrópoles comprassem e acumulassem capital com base na exploração do país (MOURA, 1994). No entanto, as empresas e famílias ricas que atuavam diretamente na exploração das riquezas locais não eram as únicas beneficiárias do colonialismo europeu, pois até os brancos pobres e a classe trabalhadora da

Europa experimentaram uma elevação nos seus padrões de vida como legado da opressão racial nas colônias (BENTO, 2022). Assim, conforme a expansão do domínio europeu foi se espalhando pelo mundo e os europeus “foram acessando e se apropriando dos recursos materiais e simbólicos dos ‘outros’, a narrativa da branquitude foi sendo construída” (BENTO, 2022, p. 30).

Posteriormente, com o advento do capital industrial e a sua crescente predominância nas relações econômicas mundiais, as críticas aos monopólios e à escravidão aumentaram, tendo em vista que passaram a significar práticas e restrições mercantis que atrapalhavam as novas ideias apoiadas no “livre-cambismo” (SOUZA et al, 2019). Dessa forma, no mundo todo as relações entre metrópoles e colônias decorrentes do sistema colonial entraram em decadência após esse processo inicial de acumulação primitiva do capital que daria origem ao capitalismo (SOUZA et al, 2019).

No entanto, no Brasil, mesmo com a decadência do sistema colonial, ocasionada pelo processo de independência, não houve o fim do sistema de produção escravista (MOURA, 1994; SOUZA et. al, 2019). Pelo contrário, o sistema escravista se fortaleceu e se consolidou paralelamente ao início do capitalismo, inclusive com o crescimento da importação de escravos (MOURA, 1994).

Isso porque, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre foi combatida de diversas formas pelos grandes latifundiários produtores de café que insistiam na sua manutenção (DOS SANTOS, 2003). Assim, a transição do escravismo para o trabalho livre no país ocorreu de acordo com interesses políticos que permitiram às oligarquias escravocratas garantirem a manutenção de seus interesses econômicos e privilégios (MOURA, 1994).

Nesse contexto, diversas medidas importantes foram utilizadas pela elite branca brasileira da época como forma de instrumentalizar a manutenção de suas posições de poder, das quais, destacam-se cinco: 1) A Tarifa Alves Branco (1844); 2) A Lei de Terra (1850); 3) A Lei Eusébio de Queiroz (1850); 4) A Guerra do Paraguai (1865-1870) e 5) A política imigrantista (1877-1903, MOURA, 1994).

A Tarifa Alves Branco surgiu com características protecionistas a um setor industrial que estava começando a se desenvolver e se estabeleceu como um elemento capitalista no âmbito do contexto econômico e social da época (BARBOSA, 2014; MOURA, 1994). Esse protecionismo tinha, dentre seus objetivos, proteger aquelas forças internas que, diante da desvalorização do trabalhador nacional negro e não branco, precisavam da criação de proletariado livre e integrado, basicamente, por imigrantes (MOURA, 1994). Com isso, os

negros escravizados tinham as oportunidades de encontrarem espaços para a sua inserção no novo modelo econômico, barradas antes mesmo de se libertarem das senzalas (MOURA, 1994).

Em seguida, foi promulgada a Lei de Terras, diante da necessidade de substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre e em resposta à crescente preocupação da classe rural da época, para que as estruturas vigentes fossem modernizadas (GADELHA, 1989). Essa Lei buscava, principalmente, assegurar que os proprietários de terras mantivessem a propriedade e o monopólio do solo em detrimento dos egressos das senzalas (GADELHA, 1989). Até então, as terras só poderiam ser adquiridas por meio de doação do Estado, tendo em vista que ele era o proprietário de todas elas (MOURA, 1994).

Com isso, a lei favorecia o colono estrangeiro branco que poderia adquiri-las com seus recursos monetários, enquanto criava as premissas da marginalização social dos ex-escravos que, devido ao seu nível de descapitalização quase absoluto, se viam impossibilitados de adquirir terras quando fossem libertados (GADELHA, 1989; MOURA, 1994).

Com a edição da Lei Eusébio de Queirós, em 1850, extinguiu-se o tráfico internacional de escravizados e teve início a crise do escravismo no Brasil (MOURA, 1994). Em um primeiro momento, o tráfico de escravos passou a ser feito internamente, entre as províncias, para movimentar a economia cafeeira, mas essa prática se tornou muito onerosa e não se sustentou por muito tempo abrindo um espaço ainda maior para a política imigratória (DOS SANTOS, 2003).

Além dessas medidas, a Guerra do Paraguai afetou significativamente todas as esferas da vida nacional e teve um papel relevante para o fim do escravismo, que já vinha se decompondo desde 1850, e a sua substituição pelo trabalho livre (MOURA, 1994). À época, as ideias abolicionistas estavam se disseminando rapidamente e o governo imperial utilizou o conflito como justificativa para abafá-las e, sob um forte senso de patriotismo, promover a continuidade do trabalho servil (IZECKSOHN, 2015; MOURA, 1994).

Enquanto os escravizados não tinham escolha e eram enviados para lutar (IZECKSOHN, 2015), os filhos dos senhores de escravos assistiam ao conflito do conforto dos seus lares (MOURA, 1994). Nesse contexto, a participação dos membros das elites brancas se limitava aos postos de comando, enquanto os escravos negros e o restante da população eram enviados para a linha de frente da Guerra (MOURA, 1994).

Nesse contexto, um aspecto relevante da nossa história e que não pode ser esquecido, é a não indenização da população escravizada após o fim da escravidão (BENTO, 2022). Foram mais de quatro séculos de trabalho escravo sem que o Estado se preocupasse em recompensar essas pessoas por todo este tempo em que foram forçadas a trabalhar e a lutar sem nenhum



pagamento ou assistência humanitária (BENTO, 2022). Calcula-se que, em valores vigentes hoje, lhes seriam devidos “mais de 1 trilhão de reais” por este tempo (BENTO, 2022, p. 33).

Em contrapartida, os proprietários de escravizados foram devidamente indenizados após a publicação da Lei do Ventre Livre, em 1871. A partir da referida Lei, os filhos de mulheres escravizadas deveriam ser libertos, mas permaneciam sob a custódia do senhor que poderia exigir que a criança trabalhasse para ele até os 21 anos, como compensação, ou deveria ser indenizado pelo Estado quando a criança completasse oito anos de idade para libertá-la.

Já na segunda metade do século XIX, o pensamento a respeito da formação racial do povo brasileiro não era nada otimista, em virtude do pensamento dominante quanto à suposta degeneração da raça ocasionada pela miscigenação, e da presença prejudicial e indesejada do negro na formação da população do país (SILVA, 2017). Isso porque, de acordo com as teorias raciais até então vigentes, a miscigenação provocaria a destruição da população brasileira e seria uma barreira ao processo civilizatório do país (SILVA, 2017). Nesse sentido, no pós-abolição, o pensamento dominante se baseava em fundamentos positivistas e evolucionistas segundo os quais, o negro e o mestiço eram inferiores e ambos constituiriam um problema antropológico a ser enfrentado pelas autoridades estatais e pela sociedade (SILVA, 2017).

Assim, a partir da década de 1880 a política imigratória ganhou protagonismo no país como última medida preparatória para a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, inclusive com a abertura de hospedarias para receber os imigrantes brancos, mas principalmente com o fornecimento direto de subsídios pelo governo brasileiro (DE SOUZA, 2003). Tais subsídios serviram para pagar as despesas do transporte dessas pessoas que foram alocadas em propriedades agrícolas, a elas concedidas como forma de incentivo, para que se instalassem e contribuíssem para o projeto de desenvolvimento do país (DE SOUZA, 2003).

Segundo o censo de 1890, o Estado Brasileiro financiou as viagens de quase metade dos 2,5 milhões de europeus brancos que vieram para o Brasil de 1890 a 1914 (HOFBAUER, 2016, p. 2). Em contrapartida, o decreto nº 528, de 28 de junho de 1890, estipulava que a imigração não poderia ser asiática, nem africana, nem indígena, o que evidenciava o tratamento privilegiado dado pelo governo brasileiro aos imigrantes brancos vindos da Europa (BENTO, 2022). Esse tratamento privilegiado se estendeu a seus descendentes e é perceptível ainda nos dias de hoje. Nesse sentido, Bento (2022, p. 35), afirma que:

[...] o decreto dimensiona a concretude dos interesses e dos pactos narcísicos de determinados segmentos europeus e seus descendentes no Brasil. É ao longo da história que se forja o sistema meritocrático em que um segmento branco da população vai acumulando mais recursos econômicos, políticos e sociais de poder que vai colocar seus herdeiros em lugar de privilégio (BENTO, 2022, p. 35).

Ademais disso, essa política imigratória era parte constituinte de um projeto de nação, cuja base era a ideologia do branqueamento, que buscava a regeneração do povo brasileiro por meio do branqueamento físico e cultural propiciado pela mestiçagem do povo brasileiro com os imigrantes europeus brancos (PANTA, 2020). No entanto, os negros, que construíram a riqueza do país e não foram recompensados, foram apontados como principais elementos de atraso da sociedade brasileira e por isso, eram obrigados a abandonar as áreas centrais das cidades que foram ocupadas por pessoas brancas que melhor representavam o novo projeto de modernização da nação (REZENDE, 2022).

Portanto, as bases da desigualdade no Brasil, que tiveram início no século XVI e perduram até hoje, foram definidas pela forma de ocupação das terras brasileiras pelos portugueses, articulada com a monocultura para exportação e pela escravidão (REZENDE, 2022). Essas bases da desigualdade foram o alicerce para, com a instauração do Brasil República e início da urbanização das cidades, promover-se a segregação racial, na tentativa de se afastar daquela sociedade colonial e construir cidades mais brancas, assentadas em valores modernizantes e republicanos (ARRAIS, 2009).

Portanto, esse processo não resultou em uma ruptura com o passado, tendo em vista que a sociedade continuou hierarquizada (ARRAIS, 2009), em um novo modelo que se autodenominava “libertário, branco, fraternal, igualitário e, portanto, civilizado como a Europa” (COSTA e ARGUELHES, 2008, p. 111).

Ou seja, não é coincidência que a população negra esteja alocada nos bairros mais distantes e pobres das cidades enquanto os brancos são maioria nas áreas centrais e com mais recursos, pois com esse discurso pseudoprogressista, justificava-se o caráter elitista e segregacionista dos brancos que objetivavam excluir as camadas mais populares do espaço urbano que surgia (COSTA e ARGUELHES, 2008).

Com esse cenário, definiu-se que, no pós-abolição, seria o trabalhador branco, europeu, o protagonista do trabalho livre no país. O fundamento dessa definição estava na ideologia eugenista oriunda, inicialmente, das elites brancas da época, que pregava o branqueamento da população como indispensável ao progresso (NÓBREGA et. al, 2009). Os políticos e intelectuais, influenciados pelo evolucionismo, pelo darwinismo e pelo positivismo, consideraram necessário adaptar as “teorias raciais clássicas”, que preconizavam que a mistura racial ocasionava a degeneração da raça humana, ao contexto brasileiro, que era de miscigenação (HOFBAUER, 2016, p. 1). Para isso, era importante que se elaborasse um plano de ação para o país, incluindo políticas de higienização social e eugenia (HOFBAUER, 2016; SILVA, 2017).

Paulatinamente, os intelectuais e políticos brasileiros perceberam que, para a realidade nacional, seria necessário que se adotasse um plano de reformas sociais que incluísse a miscigenação sob uma perspectiva positiva, porquanto essa era uma característica indiscutível da constituição da população nacional (SILVA, 2017). Assim, a partir de 1910, a antiga visão da miscigenação como algo indesejado é abandonada e, ao mesmo tempo, inicia-se uma nova interpretação sobre a situação da realidade populacional brasileira, desta vez, baseada em princípios higiênicos e eugênicos com a finalidade de branqueamento da população (SILVA, 2017).

Assim, a interpretação eugenista, aos poucos, se tornou predominante entre políticos e intelectuais nacionais, servindo de fundamento para as políticas estatais de embranquecimento da população que seriam implementadas mais tarde no país (SILVA, 2017). Dessa forma, o ideal do embranquecimento tinha como pressuposto uma solução para o problema racial brasileiro mediante a progressiva diluição da raça negra, que seria absorvida pela raça branca, vista como superior (BERNARDINO, 2002; SILVA, 2017).

É sob as circunstâncias apresentadas que, com base no pensamento do antropólogo e médico João Baptista Lacerda, considerado o maior entusiasta da ideologia do branqueamento, se desenvolve, de maneira mais ostensiva, a associação entre a ideologia do branqueamento e a popularização do Brasil como um “paraíso racial” (HOFBAUER, 2016, p. 5). Lacerda foi representante do governo brasileiro no primeiro Congresso Universal das Raças, que ocorreu em 1911, em Londres, e defendia que a imigração e a seleção sexual extinguiriam a raça negra e transformariam o Brasil em um país branco e referência de mundo civilizado (HOFBAUER, 2016).

Afora isso, o branqueamento se tornou um fenômeno característico do racismo à brasileira que, no período pós-abolição, aparecia como uma medida inevitável ao almejado desenvolvimento do país (DOMINGUES, 2002; MOURA, 2020). Por meio do branqueamento da população, com a vinda de imigrantes e casamentos interraciais, entendia-se ser possível a extinção do (problema) negro em terras brasileiras em, no máximo, dois séculos, por meio do clareamento gradual das características fenotípicas da população (DOMINGUES, 2002).

Além do ideário de progresso e desenvolvimento do país com a utilização do branqueamento, a vinda de imigrantes europeus visava suprir a escassez de mão-de-obra decorrente da abolição e trazia consigo a oposição entre negros (escravizados) e brancos (europeus) como trabalhadores (BERNARDINO, 2002; MOURA, 2020). Enquanto os primeiros simbolizavam o atraso e eram considerados uma carga indesejável a ser descartada,

os últimos representavam o trabalho “ordenado”, “pacífico” e “progressista”, sendo preferidos pelos empregadores (MOURA, 2020, p. 87).

A tese do branqueamento era, então, difundida entre a elite brasileira da época e fortalecida pela redução da população negra em relação à população branca. Essa redução foi fruto de fatores como as menores taxas de natalidade e expectativa de vida da população negra e o gradual embranquecimento da população em virtude da miscigenação (BERNARDINO, 2002).

Assim, desde o início do século XIX, verificou-se uma tendência de que os negros pudessem ser considerados brancos de acordo com algumas circunstâncias como: “origem”, “alianças”, “riquezas” e “mérito/ascensão social” (HOFBAUER, 2016, p. 4). Mediante uma constante valorização da estética branca e, em contrapartida, desvalorização da estética negra, o ideal do branqueamento foi, aos poucos, absorvido pela população (BERNARDINO, 2002).

Com o tempo, esse ideal passou a ser apresentado como uma expectativa de melhoramento da raça, não apenas com a chegada de imigrantes europeus, mas também por meio de casamentos interraciais (BERNARDINO, 2002). Nesse sentido, a estratégia utilizada por uma pequena elite negra para combater a discriminação e conquistar os mesmos direitos dos cidadãos brancos passou a ser o não reconhecimento público das raças ou a propagação da ideia de que no Brasil todos os homens livres, fossem brancos ou negros, seriam iguais (AZEVEDO, 2005).

Assim, os não-brancos, não tinham outra alternativa, senão aderir à tese do embranquecimento que representava, ainda que de forma distante, uma oportunidade de ascensão social pela miscigenação racial (HOFBAUER, 2016, p.11). Com isso, assentavam-se os “primeiros tijolos” na construção do mito de que o Brasil seria um paraíso racial (AZEVEDO, 2005, p. 313).

Exemplo dessa ideia de paraíso racial pôde ser observado no posicionamento do jornal negro Getulino (1923-1926), que se posicionava favorável à imigração europeia para a formação de uma “nação forte”, rejeitando a importação de trabalhadores negros dos Estados Unidos (HOFBAUER, 2016, p. 12).

A imagem positiva do Brasil em relação a problemas sobre questões raciais se devia às diferenças com que a imagem do país era apresentada quanto ao tratamento dos negros livres, contrapondo-se ao sistema, em tese, mais agressivo dos Estados Unidos (AZEVEDO, 2005).

Essa promoção de uma imagem positiva do Brasil a respeito de suas políticas raciais, fez com que os ideais da miscigenação e do branqueamento passassem a dominar o pensamento nacional a partir da década de 1930 (SILVA, 2017). É com base nesse ponto de vista que a

história do Brasil será arquitetada dali em diante, legitimando a miscigenação como uma ferramenta idônea para evitar a heterogeneidade étnica, entendida como ameaça à unidade cultural e nacional (SILVA, 2017).

O cerne do pensamento produzido naquele período consistia na necessidade de a intelectualidade brasileira encontrar caminhos que adequassem as teorias biológicas vigentes, possibilitando a reestruturação da população brasileira e desconsiderando o determinismo racial (SILVA, 2017). Esse posicionamento será de suma importância na construção, a partir de então, da denominada “ideologia da democracia racial” (SILVA, 2017). Esse termo, democracia racial, refere-se ao empreendimento do Estado brasileiro na construção e manutenção de uma imagem harmônica da relação entre negros e brancos, mesmo no período do escravismo, negando o preconceito e as práticas discriminatórias enraizadas na história, observada, entre outros, na obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala* (FREYRE, 1933) (BENTO, 2022).

A crença na democracia racial é, ainda hoje, observada cotidianamente na sociedade brasileira por meio de práticas veladas e sutis, mas que resultam em disparates como a ausência do reconhecimento do racismo e das desigualdades advindas dele (GUIMARÃES, 1999; SCHUCMAN, 2016).

Para Almeida (2020), as desigualdades raciais fazem parte da estrutura do capitalismo brasileiro. Segundo o autor, essas desigualdades são organizadas por relações políticas e econômicas que reproduzem uma ideologia capaz de domesticar corpos e naturalizar as diferenças entre oportunidades e condições de pessoas negras e brancas (ALMEIDA, 2020).

Mas as diferenças existem e, no caso do Brasil, elas aparecem sob diferentes concepções de racismo (ALMEIDA, 2020), dentre as quais o racismo recreativo (MOREIRA, 2019). O racismo recreativo, presente na cultura brasileira e no material analisado nesta pesquisa, deve ser encarado como um “projeto de dominação” que tem como objetivo empregar o humor para expressar e, ao mesmo tempo, encobrir a hostilidade racial em uma política cultural direcionada a reproduzir relações de poder assimétricas entre grupos raciais. Nesse sentido, afirma Moreira (2019, p. 95):

“O racismo recreativo decorre da competição entre grupos raciais por estima social, sendo que ele revela uma estratégia empregada por membros do grupo racial dominante para garantir que o bem público da respeitabilidade permaneça um privilégio exclusivo de pessoas brancas. A posse exclusiva desse bem público garante a elas acesso privilegiado a oportunidades materiais porque o humor racista tem como consequência a perpetuação da ideia de que elas são as únicas pessoas capazes de atuar como agentes sociais competentes. O racismo recreativo contribui para a reprodução da hegemonia branca ao permitir que a dinâmica da assimetria de status cultural e de status material seja encoberta pela ideia de que o humor racista possui uma natureza benigna” (MOREIRA, 2019, p. 95)

Com isso, observa-se que a posição de privilégio ocupada pelas pessoas brancas no país é garantida por seu acesso a recursos materiais e simbólicos, por meio da manutenção de uma hegemonia histórica, mas também cultural (ALMEIDA, 2020; BENTO, 2002, MOREIRA, 2019; SCHUCMAN, 2016).

Além dos exemplos anteriormente mencionados, outro exemplo desse acesso facilitado a recursos materiais e simbólicos pela branquitude foi a Lei nº 5.465, de 3 de julho de 1968, vulgarmente conhecida como “Lei do Boi”.

A Lei do Boi, sancionada durante o regime militar, esteve vigente no país até 1985 e estabelecia a reserva de vagas nas instituições de ensino agrícola da União, reservando 50% das vagas dos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária a filhos de agricultores que residissem na zona rural, fossem ou não proprietários de terras. A Lei também determinava que 30% das vagas seriam destinadas a candidatos filhos de agricultores que residissem em cidades ou vilas que não dispusessem de estabelecimentos de ensino médio, fossem proprietários ou não de terras (BRASIL, 1968). No entanto, essas vantagens materiais e simbólicas historicamente acessíveis aos brancos são pouco discutidas.

Nesse sentido, Bento (2022) afirma que “fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas” (BENTO, 2022, p. 23). As novas gerações brancas se beneficiam da herança da supremacia branca nas organizações públicas e privadas na nossa sociedade como se essa condição fosse resultado exclusivamente do mérito do seu grupo, como se isso não guardasse relação com os atos “anti-humanitários” praticados durante a escravidão (BENTO, 2022, p. 23). Conforme assinala Bento (2022, p. 24), trata-se de:

[...]“herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protege-lo e fortalecê-lo. Este é o pacto, o acordo tácito, o contrato subjetivo não verbalizado: as novas gerações podem ser beneficiárias de tudo que foi acumulado, mas têm que se comprometer “tacitamente” a aumentar o legado e transmitir para as gerações seguintes, fortalecendo seu grupo no lugar de privilégio, que é transmitido como se fosse exclusivamente mérito” (BENTO, 2022, p. 24).

Portanto, é preciso romper com o silêncio e promover reflexões e debates sobre essa herança da branquitude constituída de atos de “expropriação, violência e brutalidade” da escravidão para se impedir que tais atos se repitam na sociedade futuramente (BENTO, 2022, p. 23).

## 2.2 Branquitude

A seguir, serão tratados os principais aspectos relacionados à branquitude.

### 2.2.1 Estudos Críticos Sobre Branquitude No Brasil

Os estudos sobre branquitude apontam-na como resultado do sistema colonialista que, ao longo do século XX, definiu a estrutura de poder no mundo e delineou as subjetividades dos indivíduos de acordo com os lugares sociais reservados a brancos e não brancos (SILVA, 2017; WARE, 2004). Nesse sentido, uma das características da colonização foi a imposição de diferenças entre colonizador e colonizado, de modo a justificar as relações de dominação com base no estabelecimento de raças superiores e raças inferiores sob uma perspectiva eurocêntrica (BRAGA e OLIVEIRA, 2022).

Nesse contexto, o tom da pele sempre foi uma ferramenta discursiva dos europeus na definição de *status* e valor e na imposição, à força, da sua identidade. A mesma identidade que os colocou como modelo do “homem universal” e, ao mesmo tempo, subjugou as identidades dos não europeus a um patamar inferior e invisibilizado (BENTO, 2022, p. 28). Os africanos negros eram utilizados como o principal contraste para essa identidade comum criada pelos europeus brancos e a desigualdade existente nessa relação abriu caminho para que os brancos impusessem “os significados de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão” (BENTO, 2022, p. 29).

As pesquisas críticas sobre a branquitude têm sua origem no final do século XX, nos Estados Unidos, e no início do século XXI, no Brasil (CARDOSO, 2008). Entretanto, a branquitude enquanto identidade racial branca tem sido pensada há mais tempo por autores considerados precursores nessa temática (CARDOSO, 2008).

Nos Estados Unidos, W.E.B. Du Bois fez um estudo sobre a classe trabalhadora norte-americana, cujos resultados originaram o livro *Black Reconstruction in The United States*, de 1935 (SCHUCMAN, 2020, p. 51).

O autor martinicano Frantz Fanon analisou a raça e a identidade racial branca sob a perspectiva psicológica das relações estabelecidas entre colonizadores e colonizados. As conclusões da sua análise resultaram em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de 1952 (FAUSTINO, 2015).

Também deve ser citado, como um dos precursores nos estudos sobre branquitude o autor tunisiano Albert Memmi (CARDOSO, 2010). Memmi estudou as consequências da colonização tanto para o colonizado quanto para o colonizador e evidenciou a relação opressora

existente entre eles. Suas conclusões foram retratadas no livro *Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador*, de 1957 (MEMMI, 2010).

### 2.2.2 Tipos de Branquitude e suas características

Os estudos sobre branquitude evidenciam que há um consenso de que a branquitude não se caracteriza por uma identidade única e imutável (HALL, 2005). A branquitude, se transforma com o tempo pela influência de fatores sociais e históricos diversos (SILVA, 2017).

No entanto, apesar de estar em constante transformação e adaptação, Frankenberg (2004) identificou, em seus estudos, algumas características estruturais da branquitude ou, nas palavras da autora, “branquidade” (as palavras branquitude e branquidade podem ser consideradas sinônimas):

- “1. A branquidade é um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial.
2. A branquidade é um “ponto de vista”, um lugar a partir do qual nos vemos e vemos os outros e as ordens nacionais e globais.
3. A branquidade é um locus de elaboração de uma gama de práticas e identidades culturais, muitas vezes não marcadas e não denominadas, ou denominadas como nacionais ou “normativas”, em vez de especificamente raciais.
4. A branquidade é comumente redenominada ou deslocada dentro das denominações étnicas ou de classe.
5. Muitas vezes, a inclusão na categoria “branco” é uma questão controversa e, em diferentes épocas e lugares, alguns tipos de branquidade são marcadores de fronteira da própria categoria.
6. Como lugar de privilégio, a branquidade não é absoluta, mas atravessada por uma gama de outros eixos de privilégio ou subordinação relativos; estes não apagam nem tornam irrelevante o privilégio racial, mas o modulam ou modificam.
7. A branquidade é produto da história e é uma categoria relacional. Como outras localizações raciais, não tem significado intrínseco, mas apenas significados socialmente construídos. Nessas condições, os significados da branquidade têm camadas complexas que variam localmente entre os locais; além disso, seus significados podem parecer simultaneamente maleáveis e inflexíveis.
8. O caráter relacional e socialmente construído da branquidade não significa, convém enfatizar, que esse e outros lugares raciais sejam irreais em seus efeitos materiais e discursivos.” (FRANKENBERG, 2004, p. 312-313).

Apesar de essas serem as características gerais do conceito de branquitude, verifica-se que elas podem variar em maior ou menor grau a depender do momento histórico e social em que se localizem (SILVA, 2017). No Brasil, por exemplo, afirma-se que os estudos sobre branquitude não podem se limitar à dualidade brancos/negros, mas devem também incluir os efeitos decorrentes do processo de miscigenação e das políticas de branqueamento que marcaram a história do país (SILVA, 2017).

CARDOSO (2008) destaca, ainda, a existência de dois tipos de branquitude: a *Branquitude Acrítica* e a *Branquitude Crítica*.



A *Branquitude Acrítica* está relacionada ao indivíduo ou grupo branco que sustenta a superioridade racial dos brancos, publicamente ou em sua esfera privada (CARDOSO, 2008).

Nesta categoria se enquadram “todos os brancos de pensamentos e/ou pertencentes a grupos de ultradireita ou, mais concretamente, nos integrantes dos grupos neonazistas, ou membros da *Ku Klux Klan* e outros brancos que, silenciosamente, comungam com a ideologia da superioridade racial e não desaprovam práticas racistas” (CARDOSO, 2008, p. 178). Entretanto, mesmo corroborando com práticas racistas ou se omitindo diante delas, a *Branquitude Acrítica* pode não se ver como racista, pois para ela, “a superioridade racial branca seria uma realidade inquestionável” (CARDOSO, 2008, p. 178).

Já a *Branquitude Crítica* diz respeito ao indivíduo branco, ou grupo de pessoas brancas, que desaprova o racismo publicamente sem, contudo, deixar de obter vantagens em razão do seu pertencimento ao grupo opressor (CARDOSO, 2008). No passado, este grupo foi responsável pela escravidão, cujo legado de violências contra o povo negro se estende até hoje, assim como o legado de privilégios para os brancos (CARDOSO, 2008). Nesse sentido, um dos conflitos a serem solucionados pelos brancos críticos ou antirracistas é, justamente, a discussão sobre os privilégios advindos do seu pertencimento a este grupo (CARDOSO, 2008). Essa discussão se torna necessária para que a branquitude concretize a reconstrução de sua identidade cultural, desta vez direcionada à eliminação do seu traço racista e, para isso, talvez tenha que haver “uma dedicação individual cotidiana e, depois, a insistência da crítica e autocrítica quanto aos privilégios do próprio grupo” (CARDOSO, 2008, p. 177).

Dentro da *Branquitude Crítica*, entendemos que também se insere o que Coen (2012) nomeou como *White Savior Industrial Complex* (Complexo Industrial do Branco Salvador, em tradução livre). Em seu trabalho, Coen fez uma crítica a pessoas brancas que, sob a bandeira de “fazerem a diferença” nos países do continente Africano, buscam satisfazer suas necessidades emocionais com a adoção de soluções rasas ou mitigadoras, mas que não levam em conta toda a complexidade do problema a que se propõem a solucionar (COEN, 2012). Nesse sentido, o mal não é, efetivamente, combatido, mas é banalizado pelo sentimentalismo dessas pessoas brancas, para quem o mundo “nada mais é do que um problema a ser resolvido pelo entusiasmo” (COEN, 2012). O foco dessas pessoas, apesar de suas boas intenções, não é solução do problema em si, mas a satisfação de suas necessidades, em especial, as necessidades sentimentais (COEN, 2012). Dessa forma, o *Complexo Industrial do Branco Salvador* não é sobre fazer justiça, mas sim sobre ter uma grande experiência de satisfação emocional que valida o privilégio branco (COEN, 2012).

Ainda para validar seu privilégio, a branquitude também se reinventa constantemente, adotando novas formas de agir para permanecer com suas posições sociais, de vantagem e poder, inquestionadas ao longo do tempo (CARDOSO, 2008).

Uma dessas formas de agir se refere ao fato de a branquitude se revestir de uma pretensa invisibilidade ao não se enxergar como raça (CARDOSO, 2008).

Outra forma de agir, está relacionada à uma suposta neutralidade ou “padrão de normalidade”, inerentes à branquitude, que não condizem com a realidade, na medida em que a identidade branca é marcada racialmente, mas ao branco é conferido o poder de evidenciá-la ou não, conforme lhe seja conveniente. Já para os não brancos não há essa escolha (SILVA, 2017, p. 34).

Nesse sentido, os racializados e os diferentes são os não-brancos, enquanto a branquitude se posiciona e se vê como parâmetro universal de humanidade e que, portanto, não precisa questionar a sua própria condição racial. (CARDOSO, 2008). Isso é possível porque os brancos não se questionam sobre sua racialidade, pois representam e se veem como padrão de beleza estética e de superioridade moral e intelectual face aos não brancos (SCHUCMAN, 2020).

Outros modos de agir adotados pela branquitude como forma de manutenção de seus privilégios são o que Bento (2002) denominou de pactos narcísicos (BENTO, 2002). Esse fenômeno é desencadeado pelo medo que os brancos têm de perder os privilégios decorrentes de sua raça. Esse medo os leva a firmar pactos de omissão e de silenciamento com relação à desigualdade racial e à sua responsabilidade com relação a essa desigualdade (BENTO, 2002; SCHUCMAN, 2020; DIANGELO, 2018).

Esses pactos de omissão e silenciamento também estão intimamente relacionados ao que DIANGELO (2018) definiu como *Fragilidade Branca*. Segundo a autora, os brancos se tornam altamente frágeis em conversas sobre raça devido ao fato de que internalizam, durante o processo de sua socialização, um sentimento de superioridade, inconsciente ou não, que nunca podem admitir, porque isso colocaria em xeque as suas autopercepções como pessoas moralmente boas (DIANGELO, 2018). Os brancos costumam entender qualquer esforço de aproximá-los ao racismo como uma ofensa, injustamente direcionada a eles, o que os leva a adotar uma série de respostas defensivas (DIANGELO, 2018). Essas respostas funcionam como forma de restabelecer o equilíbrio dos brancos e incluem emoções como “raiva, medo, culpa e comportamentos como argumentação, silêncio e afastamento da situação que induz o estresse” (DIANGELO, 2018, p. 23). Além disso, pelo fato de repelirem o desafio de terem que pensar ou falar sobre racismo, essas respostas restituem o conforto racial e colaboram na manutenção

do domínio branco na hierarquia racial, pois “Embora a fragilidade branca seja desencadeada por desconforto e ansiedade, ela nasce da superioridade e do direito. Fragilidade branca não é fraqueza em si. Na verdade, é um meio poderoso de controle racial branco e de proteção de vantagem branca” (DIANGELO, 2018, p. 23).

A *Fragilidade Branca* e o medo da perda de privilégios têm como consequência a projeção negativa que os brancos fazem sobre os negros (FANON, 1980). Enquanto o branco se vê e é visto como superior e positivo, o negro é classificado como inferior e ameaçador (BENTO, 2002; FANON, 1980; AZEVEDO, 1987). Além disso, essas alianças que os brancos firmam entre si são marcadas pela ambiguidade (BENTO, 2002; SCHUCMAN, 2014), tendo em vista que enquanto os brancos negam a existência de desigualdade racial, promovem a interdição de negros em espaços de poder, inclusive dentro das organizações (BENTO, 2002; SCHUCMAN, 2014).

Nesse contexto, o fenômeno da branquitude dentro das organizações foi observado não só por BENTO (2002) e SCHUCMAN (2015), mas também por outras autoras e autores (GOUVÊA; OLIVEIRA, 2020; DIANGELO, 2018; ALMEIDA, 2019) e, mais recentemente, dentro das organizações digitais (KATZ, 2020).

Dentro das organizações, os ambientes de trabalho estão diretamente ligados a elementos raciais dos quais decorrem a ausência de questionamento e de responsabilização da branquitude com relação à sua ocupação, de forma privilegiada, destes espaços (BRAGA e OLIVEIRA, 2022). Como consequência, pessoas negras são impedidas de ocupá-los, pois não há interesse na mudança do estado das coisas (BRAGA e OLIVEIRA, 2022).

Ao tratar sobre as problemáticas que perpassam a ausência de discussão sobre questões ligadas à raça no ambiente de trabalho, Bento (2002) argumenta que o reconhecimento das desigualdades raciais, mas a negação das discriminações que delas advém é um dos primeiros sintomas da branquitude (BENTO, 2002). Aos negros são relegadas posições de subalternidade, como se isso fosse uma consequência natural e imutável do passado escravocrata do qual os brancos parecem não ter feito parte (BENTO, 2002).

Além disso, há uma tendência em se evitar que o branco seja colocado em foco (BENTO, 2002). Isso acontece por meio da tentativa de se resumir o debate sobre raça a questões relacionadas às classes sociais, sem considerar que as desigualdades raciais e de classe existem paralelamente (BENTO, 2002). Esses e outros fatores podem se apresentar de várias maneiras nas relações de trabalho, mas independentemente da forma como apareçam, são peças essenciais para que o pacto narcísico da branquitude seja mantido e reproduzido dentro das

organizações, tendo em vista que autorizam que as questões raciais sejam colocadas em segundo plano e não discutidas (BRAGA e OLIVEIRA, 2022).

Nas organizações, essa ausência de discussão a respeito de como as relações raciais afetam as relações de trabalho, impede o surgimento de soluções que aproximem a população negra destes espaços e acaba direcionando essa população a determinados trabalhos não valorizados pela sociedade, além de contribuir para que permaneçam em espaços marginalizados (BRAGA e OLIVEIRA, 2022).

Em contrapartida, a população branca permanece ocupando os postos de trabalho mais reconhecidos, melhor remunerados e que lhes permitem determinar as estruturas sociais e permanecer em posições privilegiadas (BRAGA e OLIVEIRA, 2022). Homens brancos e mulheres brancas ocupam posições privilegiadas dentro da estrutura social e sua presença é maioria nas organizações digitais (NOBLE, 2018), pois também detém o poder econômico e o conhecimento necessários para controlar os recursos tecnológicos e definir quais características ideológicas esses recursos possuirão (KATZ, 2020). Como consequência, tem-se que o ambiente digital torna-se um reflexo da hegemonia da branquitude na sociedade e do racismo que a estrutura.

Dessa forma, o ambiente digital, ao contrário de ser um ambiente neutro, é repleto de aspectos que refletem a supremacia branca e o racismo estrutural que existem na sociedade (DANIELS, 2015).

Ante o que foi exposto até aqui, verifica-se que os estudos sobre branquitude têm destacado um elemento central para a configuração da branquitude: o poder associado à identidade branca (SILVA, 2017). Foi esse poder que permitiu, no passado colonial, que se estabelecessem hierarquizações culturais e raciais que se mantém até hoje na sociedade, nas organizações em geral e nas organizações digitais (SILVA, 2017).

Contudo, observamos recentemente influenciadoras e influenciadores digitais, ou personalidades que contam com importante poder de engajamento nas plataformas de mídias sociais e redes sociais, posicionando-se e produzindo conteúdo com o objetivo de impactar e provocar reflexões junto aos seus seguidores, na aparente tentativa de levar o tema para um debate mais amplo (CANAL GNT, 2021; SILVA, 2019; RIBEIRO, 2020; CASTRO, 2020; NICOCELI, 2022).

### **2.3 Plataformas digitais e influenciadores digitais**

### 2.3.1 O início da Internet

Com a difusão da Internet e por meio da conexão que ela proporciona, os aspectos culturais e conhecimentos da sociedade passaram a se espalhar por todo o mundo a uma velocidade impressionante (SILVA e TESSAROLO, 2016). Pensada para que o compartilhamento de informações se tornasse mais fácil e rápido e para que as informações não se perdessem, no caso de destruição do meio de armazenamento físico em que se encontravam, a internet se tornou uma ferramenta em constante crescimento e que revoluciona, a todo momento, o cotidiano das pessoas (SILVA e TESSAROLO, 2016).

O início desse processo remonta ao ano de 1954, com a invenção dos primeiros computadores (MENDONÇA, 2021). Mas, somente décadas depois, é que houve a popularização dos computadores de uso pessoal que serviu como base para a invenção de diversas outras utilidades (MENDONÇA, 2021). Nesse sentido, a comunicação e interação instantâneas das quais fazemos uso na atualidade somente foram possíveis porque os dispositivos eletrônicos e plataformas digitais surgiram e se tornam cada dia mais modernos e presentes nas vidas das pessoas (SILVA E TESSAROLO, 2016).

Atualmente, as vidas de quase todas as pessoas e organizações da sociedade são intensamente influenciadas pelas plataformas digitais, que são responsáveis por ditar novas maneiras de vivermos (VAN DIJCK, 2013), tanto na vida privada (ZUBOFF, 2019), quanto nos ambientes de trabalho (DAVENPORT, 2014).

O seu surgimento data do início dos anos 2000, com o lançamento de ambientes digitais como Facebook e Youtube (STEVENSON, 2018), e promove a combinação entre novas tecnologias e uma nova utilização das tecnologias já existentes para direcioná-las à criação de conteúdo pelo usuário e gerar o seu empoderamento (BOYD; ELLISON, 2008; O'REILLY, 2007).

### 2.3.2 Definição de plataformas digitais

Com relação à definição de plataformas digitais, Treem & Leonardi (2013) destacam que não é uma tarefa fácil, tendo em vista que isso dependerá do contexto organizacional em que os recursos tecnológicos que as constituem são utilizados, como blogs, comunidades wiki, plataformas digitais, entre outras (TREEM; LEONARDI, 2013). Ou seja, em virtude dos diversos contextos em que atuam e da sua complexidade, as plataformas digitais poderão ser nomeadas de diferentes formas, a depender de sua atividade principal, como plataformas de *gig economy* (BONINA et. al., 2021), plataformas digitais (GAWER, 2014) e plataformas de mídias sociais (BUCHER e HELMOND, 2018).

Em que pese essa dificuldade, Baym (2015, p. 1) afirma que o conceito das plataformas digitais e sua utilização é comumente relacionado ao poder de grandes organizações como Facebook (ou Meta), criadas por “pequenos grupos de homens (usualmente) (jovens) (brancos) (americanos), constituídas por capitais de risco, que esperam enriquecer quando, e se, os sites forem adquiridos” (BAYM, 2015, p. 1). Além disso, os estudos sobre plataformas digitais vêm conferindo diferentes classificações a elas a depender dos mercados em que atuam e de suas características. Plataformas como Facebook, Instagram e Youtube são apontadas como plataformas de mídias sociais e como plataformas de compartilhamento de conteúdo (KOSKI, PAJARINEN E ROUNIVEN, 2019).

Dessa forma, a internet promoveu uma revolução na forma como as pessoas compartilham conteúdo e possibilitou a ultrapassagem de limites de espaço entre os indivíduos por meio de redes sociais digitais (SILVA e TESSAROLO, 2016). Com isso, abriu-se caminho para que novos produtores de conteúdo se sobressaíssem no ambiente virtual, rompendo as barreiras impostas pelos veículos de comunicação e compartilhamento de informações tradicionais (SILVA e TESSAROLO, 2016).

### 2.3.3 Redes e mídias sociais

Nos estudos sobre o tema, não há um consenso sobre o conceito de redes, mas é possível afirmar que se tratam de um conjunto de relações caracterizadas por uma certa estabilidade, que conectam diversos atores cujos interesses são convergentes e que dividem os recursos para alcançá-los (FLEURY e OUVÉNEY, 2011). Para Safko e Brake (2010, p. 29), uma rede social é “um grupo de pessoas de pensamento parecido que se reúne em um lugar comum para partilhar pensamentos, ideias e informações sobre si próprios” (SAFKO e BRAKE, 2010, p. 29).

Uma rede social, *on-line* ou *off-line*, também pode ser concebida como uma estrutura composta por indivíduos conectados por tipos de interdependência específicos como amizade, parentesco, relacionamento de crenças, dentre outros (GABRIEL, 2010). Ainda, pode-se afirmar que “toda rede social é uma mídia social, mas nem toda mídia social é uma rede social, pois nem todas as suas categorias propiciam essa interligação de usuários” (CLEMENTI et. al., 2017, p. 464).

A palavra mídia significa o canal de comunicação por meio do qual a informação pode ser transportada como um meio de comunicação (CLEMENTI et. al., 2017). O que difere as mídias das demais tecnologias de informação é a possibilidade de que o usuário possa transmitir um conteúdo publicamente e, com isso, estabelecer ligações com outros usuários que possuam

os mesmos interesses, fazendo com que o conhecimento seja compartilhado e disseminado (CLEMENTI et. al, 2017).

A definição de mídia social está relacionada a um ambiente on-line desenvolvido com o objetivo de colaboração em massa, em que o usuário informa um conteúdo específico num ambiente interativo (CLEMENTI et. al, 2017). Dentre essas atividades de interação, podem ser citados como exemplo o compartilhamento de objetos digitais, ferramentas de *networking* e vida virtual (CLEMENTI et. al., 2017).

Os exemplos de mídias sociais englobam blogs, fóruns e *sites* de redes sociais, dentre outros. No entanto, apesar de existirem diversas espécies de mídias sociais, “a convergência destas mídias, somada à busca pela interação social e ao aumento do uso dos dispositivos móveis impulsionam a popularização das redes sociais” (CLEMENTI et. al., 2017, p. 461)

Quanto às características das mídias sociais, verifica-se que são complementares em relação ao seu funcionamento, pois, ao mesmo tempo em que permitem aos seus usuários produzirem e disseminarem informações em diferentes grupos ou comunidades, a partir de recursos mediados por computadores (LEONARDI; VAAST, 2017), também funcionam como “entidades sociotécnicas que moldam a participação e envolvimento do usuário” (ALAIMO; KALLINIKOS, 2017, p. 175).

Nesse sentido, as mídias sociais são utilizadas de diferentes formas e para diferentes funções pelas organizações e nas relações sociais. Dentre essas utilizações, temos a adoção de mídias sociais no trabalho, seja no desenvolvimento de equipes (GIBSON et. al., 2022) ou na atividade de policiamento (ASSUMPCÃO E LIMA; CUNHA, 2022), na estratégia dos negócios (DA SILVA GIORDANI; HEIN, 2022; LIN et. al., 2021) e como forma de resistência, funcionando como ferramenta de mobilização social (BARROS; MICHAUD, 2020; UPCHURCH; GRASSMAN, 2016).

Além das utilizações das mídias sociais acima mencionadas, podemos destacar o papel dessas tecnologias no engajamento, seja por meio da produção de conteúdo pelas organizações (WANG et. al., 2021), fomentando a participação e o envolvimento de usuários e consumidores junto às marcas e organizações (HU et al., 2020; PESSANHA; SOARES, 2021) e ainda, por meio da influência de indivíduos sobre os usuários, com os influenciadores digitais (JIMENEZ-CASTILLO; SÁNCHEZ-FERNANDÉZ, 2019). Nesse caso, a mídia social se aproxima da definição de Treem e Leonardí (2013), ao permitir “às pessoas facilmente e com o mínimo esforço enxergarem informações sobre outra pessoa”, tornando “o conhecimento daquela pessoa visível” (TREEM; LEONARDI, 2013, p. 150).

### 2.3.4 Influenciadores digitais

Influenciadoras, são aquelas pessoas capazes de, com a utilização da sua reputação adquiridas em blogs, sites ou redes sociais, influenciar outras pessoas a praticarem determinadas ações ou comportamentos que vão desde a comparecer em algum evento a comprar determinado produto, por exemplo (SANTOS et. al., 2016). O termo influenciador digital pode ser entendido como uma evolução dos termos blogueiros e vlogueiros, que produziam e compartilhavam informações por meio de textos (no caso dos blogs) e vídeos (no caso dos vlogs), resultando na produção de conteúdo nas mídias sociais que poderiam a) influenciar a decisão de compra e de aspectos relacionados a estilo de vida e cultura, b) levantar e fazer circular discussões (KARHAWI, 2017), e c) cocriar o valor de marcas e organizações (SCHUNKE et al., 2021). Esse processo caracteriza aquilo que Pierre Lévy afirma ser uma complementaridade entre o virtual e o real (LÉVY, 1996), com os influenciadores se tornando, muitas vezes, líderes em função da amplitude que suas opiniões e informações alcançam (CASALÓ; FLAVIÁN; IBÁÑES-SANCHEZ, 2020; MOTTA; BITTENCOURT; VIANA, 2014).

Nos estudos de organizações, os casos mais recorrentes que investigam o papel de influenciadores acabam focando na área do Marketing (CASALÓ; FLAVIÁN; IBÁÑES-SANCHEZ, 2020; JIMENEZ-CASTILLO; SÁNCHEZ-FERNANDÉZ, 2019). Contudo, há uma possibilidade de explorar o papel desses influenciadores em outras áreas de estudo, como o processo de criação de identidade dos influenciadores (BARROS, 2018) e o papel de influenciadores focados em áreas específicas como a política (PÉREZ-CURIEL; LIMÓN-NAHARRO, 2019), o ambientalismo (DEKONINCK; SCHMUCK, 2022) e a contestação da representação do corpo feminino nas mídias sociais (POLIVANOV; CARRERA, 2022).

Todavia, apesar desses trabalhos e esforços, as pesquisas que investigam o papel de influenciadoras e influenciadores digitais brancos em questões raciais ainda se apresentam iniciais, investigando episódios de racismo envolvendo influenciadores digitais e a indústria cosmética (LAWSON, 2020) e o fenômeno do *blackfishing* por influenciadoras digitais (DE ARAÚJO; DA SILVA JÚNIOR, 2020). Assim, apesar de o ciberespaço representar um universo frutífero para discussões que envolvam questões étnico raciais, pesquisas evidenciaram que no campo de estudos da Internet, raça e racismo não são temas centrais e a internet ainda não trouxe um caminho que leve à eliminação do racismo (DE ARAÚJO e DA SILVA JÚNIOR, 2020). No lugar disso, a Internet propicia que os temas raça e racismo apareçam com novas roupagens lado a lado com formas já conhecidas na vida *offline* (DE ARAÚJO e DA SILVA JÚNIOR, 2020).





### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de atingir uma compreensão mais robusta a respeito do fenômeno analisado (CRESWELL & TASHAKKORI, 2007), utilizou-se a abordagem metodológica mista ou pragmática (TASHAKKORI & TEDDLIE, 2008; TASHAKKORI & TEDDLIE, 1998), segundo a qual, a pesquisadora contou com aspectos positivos tanto do método qualitativo quanto do método quantitativo. A operacionalização dessa pesquisa contém a coleta de dados e desenvolvimento de inferências em uma única fase (TASHAKKORI & TEDDLIE, 2008).

Assim, a compreensão e conclusões da pesquisadora a respeito do fenômeno que está analisando são completamente afetadas por sua leitura, vivências e conhecimento, tanto da linguagem utilizada pela influenciadora digital analisada quanto das reações dos seus seguidores (CHUEKE; LIMA, 2012; MICHAEL, 2018). Além disso, a presente pesquisa denomina-se como explicativa ou explanatória, pois “deseja analisar as causas ou consequências de um fenômeno” (RICHARDSON, 1999).

Para entender as motivações de uma influenciadora digital branca, a Maria Bopp, para abordar as temáticas raciais e da branquitude, assim como a forma como ela influencia seus seguidores com esta abordagem, adotou-se o método de pesquisa Estudo de Caso. Primeiramente, é preciso mencionar que se trata de um método considerado por alguns autores como não-positivista (PIEKKARKI; WELCH, 2018), e que permite à pesquisadora analisar de forma ampla a influência, tanto dos contextos políticos, quanto dos contextos sociais que permeiam um dado fenômeno (STAKE, 1995). A adoção das orientações de Stake (1995) para o desenvolvimento desta pesquisa ocorre pela possibilidade de adotar o tipo de estudo de caso instrumental.

O estudo de caso instrumental (STAKE, 1995) é descrito pelo autor como um estudo que aborda um caso particular, aqui o caso de uma influenciadora branca que produz conteúdo sobre branquitude, mas que pode ocorrer em outras plataformas e por outras influenciadoras ou influenciadores. A relevância e significância para o desenvolvimento deste tipo de estudo de caso (STAKE, 1995) se deve a dois fatores complementares. Primeiro, o alcance da influenciadora Maria Bopp, que conta com mais de um milhão de seguidores no Instagram, e mais de sessenta mil seguidores em seu canal na plataforma Youtube. E segundo, os posicionamentos e conteúdos produzidos fazem com que Maria Bopp participe frequentemente de programas de opinião e entrevistas em canais *online* e de televisão, de grande audiência. Para atender ao critério de triangulação do estudo de caso (STAKE, 1995), optou-se por coletar os dados de diferentes fontes digitais, que serão apresentadas na etapa de coleta de dados.

### **3.1 Contextualização**

A ideia desta pesquisa surgiu, como tive a oportunidade de relatar em outro momento (NUEVOBLOG, 2020), quando, ao me deparar com postagens no Instagram sobre racismo e com notícias, divulgadas pela mídia, de diversos assassinatos de pessoas negras, passei a refletir sobre qual seria o meu papel, enquanto mulher branca, no processo racial. A partir dessa reflexão inicial e de algumas leituras que fiz a partir de então, pude perceber que minhas crenças relacionadas a questões raciais eram equivocadas e que eu, além de estar inserida em uma sociedade estruturalmente racista, usufruo dos privilégios de fazer parte da identidade racial hegemônica nesta sociedade: a identidade racial branca ou branquitude. Com isso, verifiquei a possibilidade de contribuir teoricamente com o campo de estudos em Administração ao promover a discussão de combate das desigualdades a partir do lugar de quem usufrui dos privilégios dessas desigualdades, ou seja, a partir da minha vivência enquanto mulher branca.

Nesse contexto, a pesquisa foi desenvolvida por meio da coleta de dados das publicações da influenciadora Maria Bopp nas plataformas digitais Youtube e Instagram. A escolha por estas plataformas se deve à operacionalização da presente pesquisa, tendo em vista que o conteúdo que se queria analisar, quais sejam: as publicações da Maria Bopp, tanto como Blogueirinha do Fim do Mundo quanto como ela mesma em entrevistas concedidas, foram encontradas em ambas as plataformas a que a pesquisadora tinha acesso. Na literatura, as plataformas estudadas são caracterizadas como plataformas de mídias sociais e como plataformas de compartilhamento de conteúdo (KOSKI, PAJARINEN E ROUNIVEN, 2019).

### **3.2 Procedimentos de coleta de dados**

A coleta de dados ocorreu entre os meses de julho e novembro de 2022, por meio de visitas a duas plataformas digitais: Instagram e Youtube. Na plataforma Instagram, foram feitas visitas ao perfil da influenciadora Maria Bopp e analisados o conteúdo produzido pela influenciadora, especialmente os vídeos relacionados à temática desta pesquisa e seus comentários. Em uma análise inicial no Instagram, foram identificados dez vídeos postados pela influenciadora, que poderiam ser utilizados. Em uma segunda análise, mais apurada, constatou-se que somente seis vídeos poderiam ser úteis, tendo em vista que os outros quatro vídeos, identificados anteriormente, não traziam aspectos significativos ou suficientemente relevantes sobre a temática aqui abordada.

Na plataforma Youtube, realizou-se uma busca por meio da barra de pesquisa da plataforma pelo termo “Maria Bopp Blogueirinha”, em referência ao nome da influenciadora e sua personagem mais afamada. Em seguida, foram acessados os vídeos em que a influenciadora

aparece como convidada de programas de entrevistas. Em uma análise inicial, identificaram-se, aproximadamente, três horas de vídeos no Youtube, de cinco diferentes programas em que a influenciadora é entrevistada, quais sejam: Sexta-Black, do canal GNT; entrevista para o canal TV247; entrevista para o programa Bem juntinhos, do canal GNT; entrevista para a Carta Capital; entrevista para o Canal Inconsciente Coletivo. Por fim, todos os vídeos selecionados foram transcritos e analisados.

Na etapa quantitativa da análise, foram selecionados todos os comentários feitos pelos seguidores da Maria Bopp nos vídeos/*reels* postados no Instagram e inseridos no Programa Atlas TI. Na sequência, com a utilização do *site wordclouds.com* foram elaboradas as nuvens de palavras 1 e 2 e, em seguida as tabelas 1 e 2.

O quadro 1 apresenta cada um dos vídeos utilizados, assim como as datas de sua publicação, o número de visualizações, *likes* e a plataforma onde foram visualizados.

**Quadro 1 - vídeos utilizados na pesquisa, datas de sua publicação, o número de visualizações, likes e a plataforma onde foram visualizados**

Plataforma	Título do vídeo	Data	Views/Likes/Comentários
Instagram	Empresa Antirracista	29/10/2021	559 mil visualizações
	Skincare do fim do mundo	02/03/2020	282 mil visualizações 5.3 mil comentários
	Quiz da blogueira	03/06/2020	884 mil visualizações 5.7 mil comentários
	Racismo reverso é muito chato	02/08/2020	913 mil visualizações 1.6 mil comentários
	Dívida histórica	25/11/2020	1 milhão e 700 mil visualizações 5.2 mil comentários
	Meu bisavô era negro, eu jamais ia querer ofendê-lo	06/04/2021	3.3 milhões visualizações 6.169 comentários
Youtube	Entrevista TV 247	21/03/2020	18.3 mil visualizações
	Programa Sexta Black	06/05/2022	123 mil visualizações
	Programa Bem Juntinhos - canal GNT	11/06/2021	214 mil visualizações
	Entrevista Canal Carta Capital	11/06/2020	24.9 mil visualizações
	Entrevista Canal Inconsciente Coletivo	13/04/2020	13.4 mil visualizações

**Fonte: A autora, com base nos dados fornecidos pelas plataformas digitais Youtube e Instagram**

### 3.3 Apresentação e análise dos resultados

A seguir, apresentamos as análises dos dados e os resultados.

#### 3.3.1 Análise qualitativa dos vídeos/*reels*

Primeiramente, será abordada a análise qualitativa tanto dos vídeos do Youtube quanto dos vídeos do Instagram.

##### 3.3.1.1 Vídeos do Youtube

A fim de se responder ao problema da presente pesquisa, inicialmente, buscou-se analisar as motivações de uma influenciadora digital branca, a Maria Bopp, para abordar as temáticas raciais e de branquitude. Dessa forma, procedeu-se à análise das entrevistas concedidas pela Maria Bopp (vídeos do Youtube) ao programa Sexta-Black, ao canal TV 247, ao programa Bem juntinhos, ao Canal da Carta Capital e ao Canal Inconsciente Coletivo. Ressalta-se que, nestes vídeos de entrevistas, a influenciadora não está representando nenhuma personagem.

A escolha dos vídeos das entrevistas foi aleatória e exploratória com a finalidade de se identificar, nas falas da Maria Bopp, momentos em que ela mencionasse os motivos que a levaram a criar a personagem Blogueirinha do Fim do Mundo e abordar temáticas raciais e de branquitude. Após essa pré-análise, os vídeos das entrevistas foram transcritos e analisados.

Para analisar as entrevistas levantadas, adotou-se o método de análise de conteúdo, com base nas orientações de Bardin (1977). Dessa forma, os procedimentos executados para essa análise, após sua pré-análise, seguiram os seguintes passos: a) fase de codificação; b) análise descritiva; c) fase de categorização e d) fase de inferência.

Na fase de codificação, as transcrições das falas da Maria Bopp nas entrevistas foram escolhidas como unidades de registro e seus núcleos de sentido foram analisados com o intuito de se compreender quais as motivações que levaram a Maria Bopp a criar a personagem Blogueirinha do Fim do Mundo e verificar, dentre as possíveis motivações, se elas estavam relacionadas à temática racial e à branquitude.

A fase de codificação gerou sete subcategorias (motivações): *Incômodo com o silêncio de outras pessoas famosas a respeito de graves acontecimentos sociais e políticos; Inquietação com o silêncio de outras pessoas a respeito das injustiças sociais do nosso país; Vontade de ironizar o silêncio de influenciadores famosos sobre questões que ela considera relevantes; Ultrapassar barreiras de classe e de raça ou “furar bolhas”; Desejo que o seu trabalho motive*

as pessoas a se posicionarem em relação a questões raciais. Essas sete subcategorias foram compostas por sete códigos constituídos de excertos exemplificativos das falas das entrevistas.

A fase de análise descritiva levou em conta os trechos das falas da Maria Bopp que estavam relacionados às temáticas do presente estudo, excluindo-se da codificação, da subcategorização e da análise descritiva as falas identificadas com não relacionadas.

Após as etapas de codificação, subcategorização e análise descritiva dos dados, seguiu-se à fase de categorização. Com base nas orientações de Bardin (1977), verificou-se os elementos constitutivos dos códigos com características em comum e, ainda, os critérios sugeridos pela autora: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade.

Por exemplo: as subcategorias *Vontade de ironizar o silêncio das influenciadoras famosas sobre questões que ela considera relevantes*, *Desejo de que seu trabalho motive as pessoas a se posicionarem com relação a questões raciais* e *Inquietação com o silêncio de outras pessoas a respeito das injustiças sociais do nosso país* fazem parte de uma mesma categoria, assim como as subcategorias *Satisfação pessoal* e *Reconhecimento* estão inseridas em outra categoria.

Com isso, o processo resultou em três categorias analíticas: *Branquitude Crítica*, *Branco Salvador* e *Privilégios da Branquitude*.

Para apresentar os resultados desta primeira etapa da pesquisa, o Quadro 2 expõe as categorias analíticas, subcategorias e seus respectivos códigos.

**Quadro 2 – As três categorias analíticas de motivações e suas respectivas subcategorias e códigos**

<b>Categorias analíticas</b>	<b>Subcategorias (motivações)</b>	<b>Códigos</b>
<b>Branquitude Crítica</b>	Incômodo com o silêncio de outras pessoas famosas a respeito de graves acontecimentos sociais e políticos	“Eu detesto pessoas omissas ou que estão em cima do muro em situações que para mim não deveriam existir um muro, eu acho que muito da Blogueirinha do Fim do Mundo que é a personagem que eu criei, vinha desse meu incômodo com certos silêncios” (CANAL GNT, 2021).
	Inquietação com o silêncio de outras pessoas a respeito das injustiças sociais do nossos país	“Aí diante dessa inquietação que surgiu a Blogueirinha do Fim do Mundo, o mundo está acabando, está tudo ruim a nossa volta, mas olha como a minha maquiagem é MA-RA-VI-LHO-SA, ai foi assim que surgiu a personagem” (TV 247, 2020).

	Vontade de canalizar sua raiva	A Blogueirinha do Fim do Mundo, ela é uma personagem que eu criei, que eu encontrei para canalizar a minha raiva. A Blogueirinha do Fim do Mundo é essencialmente uma pessoa equivocada, uma pessoa que enquanto o mundo está acabando ela está fazendo tutorial de maquiagem para ficar linda e deixar os seus espectadores lindos, ela é uma pessoa que tem o prazer de se alienar e ela goza com o caos. É uma ironia, ela é filha da ironia a Blogueirinha, ela fala atrocidades mas de uma maneira muito solar, muito infantil que é como as blogueirinhas falam com os seus telespectadores, infantilizando o seus telespectadores, sempre sorridente, sempre bonitinha e fofa, mas falando coisas muito pesadas, essa de ironia que ela nasce (CANAL INCONSCIENTE COLETIVO, 2020)
<b>Branco Salvador</b>	Vontade de ironizar o silêncio de influenciadores famosos sobre questões que ela considera relevantes	(...) “assim a Blogueirinha Fim do Mundo é uma crítica política, uma crítica a esse governo, mas ela também é uma cutucada eu acho, uma provocação ao fato de que muitas pessoas que têm um alcance de milhões de pessoas, mas usam os seus espaços virtuais para apontar a câmera para si, elas só falam de si, falam sobre seus projetos, seus trabalhos, suas publis, suas selfies... mas não falam sobre muitas vezes o que está acontecendo no mundo e por mais pesado que esteja e mais grave que seja o que está acontecendo então” (...) (CARTA CAPITAL, 2020).
	Ultrapassar barreiras de classe e de raça ou “furar bolhas”	“Eu acho que eu furo a bolha, um pouco, mas não muito, eu acho que furo talvez uma bolha dá, eu acho que a bolha da classe eu acho muito difícil eu furar, tipo assim, tem alguns espaços até de internet que são segregados e que talvez eu não chegue, né? Sendo essa cara de Barbie eu acho que é difícil essa bolha...mas eu acho que eu furei uma bolha um pouco, eu acho que chamei atenção de influenciadores, por exemplo” (CARTA CAPITAL, 2020).
	Desejo que seu trabalho motive as pessoas a se posicionarem com relação a questões raciais	“Eu acho que participei talvez de criar esse inconsciente, eu acho que bom que isso está mudando, que bom que isso está de fato entrando na pauta dessas pessoas. Espero que isso não seja só uma coisa eventual agora porque é moda colocar um quadradinho preto no Instagram e as pessoas querendo falar sobre assuntos. Eu espero que isso de fato se traduza em ações, né? E não só em discurso, eu acredito que ainda é preciso, é importantíssimo a gente falar sobre questões raciais, é importantíssimo a gente enxergar pessoas negras em espaços não só falando sobre racismo, mas falando sobre outros temas é importantíssimo isso” (CARTA CAPITAL, 2020).
<b>Privilégios da Branquitude</b>	Satisfação pessoal	“Está super me abrindo portas, primeiro só o fato de eu conhecer referências políticas, culturais... tipo eu trocar ideia com quem eu admirava e que começaram a saber quem eu era, gostam do meu trabalho e me elogiam eu fico pensando: “Essa pessoa sabe quem eu sou, ela viu a Blogueirinha”... eu fico muito feliz, isso para mim já é uma satisfação pessoal imensa. E sim com certeza abre portas, foi o que eu falei do início do nosso papo, as pessoas estão me enxergando como roteirista porque sabem que o texto é meu, elas me enxergam roteirista, estão me chamando para escrever projetos e não atuar” (CARTA CAPITAL, 2020).

	Reconhecimento	“A Blogueirinha rolou assim para mim, uma coisa muito pessoal, que inclusive ainda eu não falei em nenhuma entrevista talvez, mas que a Blogueirinha serviu uma vontade até inconsciente minha que era uma vontade de que as pessoas me reconhecem não pela minha aparência, mas pela criação, pela minha inteligência querendo assim... porque isso foi uma coisa realmente inconsciente, porque eu não fiz a Blogueirinha para isso. Mas, eu entendi que depois foi esse papel que ela acabou ocupando, que bom que as pessoas agora sabem que eu escrevo por exemplo, isso abriu portas para mim. Eu fui convidada a escrever projetos e isso é uma coisa que definitivamente não acontecia, então ela já ocupa esse espaço na minha vida” (CARTA CAPITAL, 2020).
--	----------------	--

Fonte: a autora com base na pesquisa

Além das categorias analíticas relacionadas às motivações expostas acima, no vídeo da entrevista que a Maria Bopp concedeu ao Programa Sexta Black foi possível verificar a existência de outras duas categorias que, apesar de não se referirem diretamente às motivações que levaram a Maria Bopp a criar a personagem Blogueirinha do Fim do Mundo, estão relacionadas a aspectos da branquitude e à autopercepção da Maria Bopp como pessoa branca.

As duas categorias deste vídeo: *Branquitude Crítica e Privilégios da Branquitude*, constituíram-se de seis códigos (excertos exemplificativos das falas da Maria Bopp) que, por sua vez, formaram cinco subcategorias, a saber: *Consciência racial e de classe*, *Não orgulho de ser branca*, *Consciência de que o algoritmo a favorece por ela ser branca*, *Nunca ter passado por situações de constrangimento por conta da sua cor* e *Sentimento de otimismo mesmo diante de um cenário não favorável*.

O Quadro 3 expõe as categorias analíticas, subcategorias e seus respectivos códigos.

**Quadro 3 - categorias analíticas da entrevista no Programa Sexta Black, subcategorias e seus respectivos códigos.**

Categorias analíticas	Subcategorias	Códigos
	Consciência racial e de classe	<p>“Me autodeclaro branca, família branca dos dois lados, pai e mãe, isso nunca foi uma questão, nunca foi diferente disso” (CANAL GNT, 2022).</p> <p>“Eu sou humana, todo mundo tem várias cores... não, não. Eu sou branca. Eu sempre soube, nunca foi uma questão para mim, mas nem sempre eu tive consciência racial e de classe. Eu passei por uma adolescência bem alienada e com esse privilegio da alienação. Fui me dando inclusive da importância da autodeclaração mais velha, nunca quis disfarçar de que tenho um bisavô negro, não... essa vergonha eu nunca passei” (CANAL GNT, 2022).</p>



<b>Branquitude Crítica</b>	Não orgulho de ser branca	“Porque eu acredito que a raça branca da onde eu descendo, que é de família europeia, historicamente para raça branca ela foi sempre vista de maneira autorreferente, como superior a outras raças. Então, não diria que eu tenho orgulho de branca, eu acho que dizer orgulho de ser branca é na sociedade que a gente vive hoje é um sinal de racismo, inclusive” (CANAL GNT, 2022).
	Consciência de que o algoritmo a favorece por ela ser branca	<p>“Com certeza, definitivamente. Tem uma coisa do algoritmo que é provado que entrega mais conteúdos de pessoas brancas, da mesma forma, que entrega vídeos e fotos que tem mais pele, então, por exemplo, se você quer que o algoritmo bombe você posta uma foto de biquini, isso acontece muito. Então, é provado que sim e também pelo fato de eu estar dentro desse padrão de beleza, de traços eurocêtricos, eu acho que isso favorece sim, eu acho que é inegável para mim” (CANAL GNT, 2022).</p> <p>“O Marcos é genial, ele é brilhante, extremamente criativo, mas eu tenho um milhão de seguidores e ele não tem nem 100 mil seguidores, eu acho isso muito significativo...” (CANAL GNT, 2022).</p> <p>“Eu acho que é muito significativo essa diferença de alcance nas redes sociais e definitivamente a raça entra na jogada” (CANAL GNT, 2022).</p>
<b>Privilégios da Branquitude</b>	Nunca ter passado por situações de constrangimento por conta da sua cor	“Esse caso específico talvez de ser atendida antes não, mas com certeza tem situações que eu nunca passei na minha vida que quando eu leio a respeito, eu vejo pessoas falando, por exemplo, de ser perseguida em loja pela segurança por acharem que podem roubar alguma coisa, passar por esse tipo de tratamento eu nunca passei” (CANAL GNT, 2022).
	Sentimento de otimismo mesmo diante de um cenário não favorável	“Começando o ano com essas pessoas que... eu li isso hoje nas redes sociais, as pessoas não perderam nem a vergonha mais, elas perderam o medo, não é nem só vergonha, elas não têm medo nenhum, é uma certeza impunidade muito grande, porque significa que há pessoas com o dobro com a força e da violência com uma coisa de imposição mesmo. Mas, ao mesmo tempo eu estou otimista” (CANAL GNT, 2022).

Fonte: a autora com base na pesquisa

Por fim, na fase de inferências foram analisadas as categorias que emergiram dos resultados desta etapa da pesquisa, a fim de se identificar os principais aspectos relacionados às motivações da Maria Bopp para criar a personagem Blogueirinha do Fim do Mundo e abordar temáticas raciais e de branquitude.

Em que pese tenham emergido três categorias no quadro 1 e duas categorias no quadro 2, num total de cinco categorias, foram consideradas para a análise apenas três categorias porque as categorias *Branquitude Crítica* e *Privilégios da Branquitude* se repetem nos dois

quadros. Assim, passa-se a analisar as categorias que emergiram: *Branquitude Crítica*, *Branco Salvador e Privilégios da Branquitude*.

### 3.3.1.1.1 *Categoria Branquitude Crítica*

Nesta primeira categoria, observaram-se três motivações principais que levaram a Maria Bopp a criar a personagem Blogueirinha do Fim do Mundo. A primeira motivação decorre da vontade que ela tinha de canalizar a sua raiva. Isso ficou evidente quando ela afirmou: “A Blogueirinha do Fim do Mundo, ela é uma personagem que eu criei, que eu encontrei para canalizar a minha raiva. A Blogueirinha do Fim do Mundo é essencialmente uma pessoa equivocada, uma pessoa que enquanto o mundo está acabando ela está fazendo tutorial de maquiagem para ficar linda e deixar os seus espectadores lindos, ela é uma pessoa que tem o prazer de se alienar e ela goza com o caos”. A segunda motivação está relacionada ao sentimento de incômodo da influenciadora Maria Bopp com o silêncio de pessoas famosas com relação a graves acontecimentos sociais e políticos que ocorrem no Brasil. Nesse sentido, a sua fala no Programa Bem Juntinhos, demonstra que a influenciadora criou a personagem Blogueirinha do Fim do Mundo por “detestar pessoas omissas” ou pessoas “que estão em cima do muro” em situações que para ela “não deveria existir um muro” (CANAL GNT, 2021).

E a terceira motivação encontrada nesta categoria pode ser considerada complementar à segunda e se relaciona à inquietação que a Maria Bopp sentia ao perceber que mesmo com vários fatos ruins acontecendo no país (mortes de pessoas negras, crise política, etc.), muitas pessoas famosas e com grande alcance nas redes sociais se mantinham omissas ou em silêncio a respeito deles. Nesse contexto, a sua fala no Canal TV 247 evidenciou que um dos motivos que a levaram a criar a personagem Blogueirinha do Fim do Mundo foi a sua inquietação com o fato de que o “mundo está acabando, está tudo ruim à nossa volta”, mas havia blogueiras totalmente alheias a estes fatos fazendo postagens sobre como suas maquiagens eram maravilhosas” (TV 247, 2020).

Além das três motivações citadas acima, na fala da Maria Bopp durante a entrevista ao Programa Sexta Black, perceberam-se aspectos relacionados ao processo que ela percorreu até passar a ter, segundo ela mesma afirmou, “consciência racial e de classe”, especialmente quando ela afirma: “Eu sou branca. Eu sempre soube, nunca foi uma questão para mim, mas nem sempre eu tive consciência racial e de classe” (CANAL GNT, 2022).

De forma complementar, verificou-se a compreensão que a Maria Bopp possui quanto à hegemonia branca dentro da sociedade brasileira, mormente quando ela afirma que, “historicamente para a raça branca ela foi sempre vista de maneira autorreferente, como

superior a outras raças. Então, não diria que eu tenho orgulho de ser branca, eu acho que dizer orgulho de ser branca é, na sociedade que a gente vive hoje, um sinal de racismo, inclusive” (CANAL GNT, 2022).

Ressalta-se ainda, a consciência demonstrada por Maria Bopp com relação à responsabilidade dos algoritmos na desigualdade de entrega de conteúdo de pessoas brancas e de pessoas negras e do seu lugar de vantagem neste cenário, sobretudo quando ela afirma:

“Com certeza, definitivamente. Tem uma coisa do algoritmo que é provado que entrega mais conteúdos de pessoas brancas, da mesma forma que entrega vídeos e fotos que tem mais pele, então, por exemplo, se você quer que o algoritmo bombe você posta uma foto de biquini, isso acontece muito. Então, é provado que sim e também pelo fato de eu estar dentro desse padrão de beleza, de traços eurocêntricos, eu acho que isso favorece sim, eu acho que é inegável para mim” (CANAL GNT, 2022).

Da mesma forma, Maria Bopp demonstra ter consciência de que o seu colega de atuação em algumas postagens, o ator e influenciador negro Marcos Felipe Oli, encontra-se em uma posição de desvantagem se comparado a ela, na entrega de conteúdo e engajamento nas redes sociais, especialmente quando ela destaca:

“O Marcos é genial, ele é brilhante, extremamente criativo, mas eu tenho um milhão de seguidores e ele não tem nem 100 mil seguidores, eu acho isso muito significativo...Eu acho que é muito significativo essa diferença de alcance nas redes sociais e definitivamente a raça entra na jogada” (CANAL GNT, 2022).

As características de indivíduos ou grupos de indivíduos brancos que têm posicionamento crítico e que desaprovam o racismo publicamente, mas que não deixam de usufruir dos privilégios decorrentes de sua raça, foram estudadas por Cardoso (2010) que os denominou de *Branquitude Crítica*. Nesse sentido, infere-se desta categoria a presença de tais características nas falas da Maria Bopp, na medida em que ela demonstra possuir uma percepção crítica quanto à sua condição racial de mulher branca e quanto às vantagens e privilégios que decorrem dessa condição em uma sociedade hegemonicamente branca. Infere-se, também, que a influenciadora não ignora o fato de que o ator negro, que atua com ela nos mesmos vídeos, possui engajamento e alcance inferior ao dela nas redes sociais, em virtude do favorecimento dos algoritmos às pessoas brancas com maior entrega de seus conteúdos.

### 3.3.1.1.2 Categoria Branco Salvador

Nesta segunda categoria foram evidenciadas três motivações principais. A primeira motivação está relacionada à vontade que a Maria Bopp sentiu de, ao se deparar com o silêncio

de outras pessoas famosas (especialmente as blogueiras e influenciadoras) diante de questões que ela considerava importantes, ironizar o comportamento omissivo dessas pessoas. Isso porque, para Maria Bopp, a Blogueirinha do Fim do Mundo é uma forma de criticar a situação política do país, mas também é “uma cutucada” (...), “uma provocação ao fato de que muitas pessoas que têm um alcance de milhões de pessoas, mas usam os seus espaços virtuais para apontar a câmera para si, elas só falam de si, falam sobre seus projetos, seus trabalhos, suas publis, suas selfies” (...) (CARTA CAPITAL, 2020).

A segunda motivação, diz respeito à sua intenção de ultrapassar, com o conteúdo que ela produz, as citadas barreiras de silêncio de outras pessoas influenciadoras. Isso fica evidente quando ela afirma:

“Eu acho que eu furo a bolha, um pouco, mas não muito, eu acho que furo talvez uma bolha dá, eu acho que a bolha da classe eu acho muito difícil eu furar, tipo assim, tem alguns espaços até de internet que são segregados e que talvez eu não chegue, né? Sendo essa cara de Barbie eu acho que é difícil essa bolha... mas eu acho que eu furei uma bolha um pouco, eu acho que chamei atenção de influenciadores, por exemplo” (CARTA CAPITAL, 2020)”.

A terceira motivação, está relacionada à intenção da Maria Bopp de motivar outras pessoas a, também, se posicionarem a respeito de questões raciais, pois ela acredita que teve participação em uma transformação que está ocorrendo no inconsciente coletivo com relação a estas questões. Isso fica evidente quando ela afirma: “Eu acho que participei talvez de criar este inconsciente, eu acho que bom que isso está mudando, que bom que isso está de fato entrando na pauta dessas pessoas” (CARTA CAPITAL, 2020).

O desejo de pessoas brancas de satisfazer suas necessidades emocionais, sob a alegação de que querem “fazer a diferença” e de se colocarem como garantidoras daqueles que elas consideram que precisam de ajuda, foi evidenciado por Coen (2012), que as nomeou de *Branco Salvadores*. Essas questões ficam evidentes nesta categoria, da qual se pode inferir que a Maria Bopp coloca sobre si e sobre o seu trabalho com a Blogueirinha do Fim do Mundo, a responsabilidade de romper com o silêncio de outras pessoas que deixam de utilizar a sua influência e alcance, nas redes sociais, para abordar questões que a Maria Bopp considera relevantes. Ela afirma que a personagem é uma provocação a essas pessoas que se mantêm silentes, mas também é uma ferramenta capaz, segundo ela, de transformar a realidade, especialmente quando ela afirma: (...) “eu acho que eu furei uma bolha um pouco, eu acho que chamei a atenção dos influenciadores, por exemplo” (CARTA CAPITAL, 2020).

### 3.3.1.1.3 Categoria Privilégios da branquitude

Desta categoria emergiram duas motivações principais. A primeira delas, relaciona-se com a possibilidade de satisfação pessoal da Maria Bopp proporcionada pela personagem Blogueirinha do Fim do Mundo. Isso porque, segundo a Maria Bopp, a personagem possibilitou que ela conhecesse “referências políticas e culturais” (CARTA CAPITAL, 2020).

A segunda motivação emergente é complementar à primeira e se refere ao reconhecimento proporcionado pela personagem Blogueirinha do Fim do Mundo, pois as pessoas passaram a reconhecer a Maria Bopp como uma roteirista em virtude dos roteiros dos vídeos de sua autoria, o que acabou lhe “abrindo portas” profissionalmente, mesmo não sendo essa a sua intenção inicial ao criar a personagem (CARTA CAPITAL, 2020). Tal afirmação fica evidente quando Maria Bopp afirma: “(...) a Blogueirinha serviu uma vontade até inconsciente minha que era uma vontade de que as pessoas me reconhecessem não pela minha aparência, mas pela criação, pela minha inteligência querendo assim....” (CARTA CAPITAL, 2020).

O lugar de privilégios, materiais e simbólicos, que os brancos ocupam dentro de uma sociedade marcada pelo racismo foi apontado por diferentes pesquisas (BENTO, 2002; GOUVÊA e OLIVEIRA, 2020; SCHUCMAN, 2018). Nesse sentido, infere-se da presente categoria que, da atuação da Maria Bopp como Blogueirinha do Fim do Mundo, resultam para ela alguns privilégios pessoais e profissionais que lhe trazem satisfação pessoal e reconhecimento, com a consequente oferta de novos trabalhos.

### 3.3.1.2 Vídeos do Instagram

Em seguida, buscou-se analisar as formas como a influenciadora Maria Bopp aborda as temáticas raciais e da branquitude em seus vídeos do Instagram, bem como os tipos de reações dos seus seguidores com relação à essa abordagem. Nesses vídeos, a Maria Bopp atua como a personagem Blogueirinha do Fim do Mundo para falar sobre assuntos diversos, dentre eles, os assuntos relacionados às temáticas da presente pesquisa.

Para isso, procedeu-se à análise de seis publicações da Maria Bopp no Instagram (vídeos/*reels*) intituladas: *Empresa antirracista*, *Skincare do fim do mundo*, *Quiz da Blogueira*, *Racismo reverso é muito chato*, *Dívida histórica* e *Meu bisavô era negro, eu jamais ia querer ofendê-lo*.

Esta parte da análise foi dividida em dois momentos. No primeiro momento, foram analisadas as transcrições dos mencionados vídeos/*reels* e, para isso, adotou-se o método de análise de conteúdo, com base nas orientações de Bardin (1977). Dessa forma, os

procedimentos executados para essa análise, após sua pré-análise, seguiram os seguintes passos: a) fase de codificação; b) análise descritiva; c) fase de categorização e d) fase de inferência.

Na fase de codificação, as transcrições das falas da Blogueirinha do Fim do Mundo foram escolhidas como unidades de registro e seus núcleos de sentido foram analisados com o objetivo de se identificar as características das temáticas raciais e da branquitude que foram apresentadas no referencial teórico desta pesquisa. A fase de codificação gerou dez subcategorias: *O negro como site de busca; Não autorresponsabilização pelo próprio letramento racial; Vitimização por ser branca; Racismo reverso; Achar que medidas mitigadoras resolvem o racismo estrutural; Branco Salvador; Negação das diferenças raciais; Não reconhecimento dos próprios privilégios; Supremacia Branca e Racismo Recreativo*. Essas oito subcategorias foram compostas por doze códigos, integrados por vinte e um excertos das falas da Blogueirinha do Fim do Mundo.

A fase de análise descritiva levou em conta os trechos das falas da Maria Bopp que estavam relacionados às temáticas do presente estudo, excluindo-se da codificação e da análise descritiva as falas identificadas como não relacionadas.

Após as etapas de codificação e análise descritiva dos dados, seguiu-se à fase de categorização. Com base nas orientações de Bardin (1977), verificou-se os elementos constitutivos dos códigos com características em comum e, ainda, os critérios sugeridos pela autora: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade. Por exemplo: as subcategorias *O negro como site de busca, Não autorresponsabilidade pelo próprio letramento racial e Evitamento em admitir sua raça* fazem parte de uma mesma categoria, assim como as subcategorias *Negação das diferenças raciais e Não reconhecimento dos próprios privilégios* estão inseridas em outra categoria. Com isso, o processo resultou em cinco categorias analíticas: *Fragilidade Branca, Branco Salvador, Pactos Narcísicos da Branquitude, Branquitude Acrítica e Racismo Recreativo*.

Para apresentar os resultados desta etapa da pesquisa, o Quadro 4 expõe as categorias analíticas, subcategorias e seus respectivos códigos.

**Quadro 4 – As cinco categorias analíticas dos vídeos/reels do Instagram**

Categorias analíticas	Subcategorias	Códigos
-----------------------	---------------	---------

Fragilidade branca	O negro como site de busca	PERSONAGEM DA MARIA BOPP: “Oi, boa tarde, tudo bem? Éh, seguinte, ultimamente, quando as pessoas veem que eu sou branca, descobrem que eu sou branca, reparam nisso, elas têm me dito que eu tenho uma dívida histórica e eu queria saber como é que eu faço pra quitar essa dívida” (vídeo: “Reparação histórica”).
	Não autorresponsabilização pelo próprio letramento racial	BLOGUEIRINHA: “pois é, mas é porque sempre me falaram que era trabalho voluntário, como é que eu ia saber? Ok...éh...tem como pelos menos eu parcelar essa dívida?” (vídeo: “Reparação histórica”).
	Vitimização por ser branca	BLOGUEIRINHA: Que absurdo! Só porque eu disse que eu concordo com o Rodolfo do BBB, tão me chamando de racista! Logo eu que tenho uma tia que tem o cabelo crespo. Logo eu que tenho um cachorrinho preto que é o amor da minha vida. Logo eu que amo sambar. Logo eu que postei o quadradinho preto no Instagram. Eu que assisti Pantera Negra, que adoro diamante negro, que passo autobronzeador. Eu que a vida inteira senti na pele a discriminação por ser loira. Racista? Eu? (vídeo: “Meu bisavô era negro, eu jamais ia querer ofendê-lo”).
	Racismo reverso	BLOGUEIRINHA: Mas eu vivo através do negro. Eu já fui chamada de branquela, eu já fui chamada de burguesa, eu já fui chamada de branca ignorante. Então, até que ponto o racismo tá só num lado? (vídeo: “Racismo reverso é muito chato”).
Branco Salvador	Achar que medidas mitigadoras resolvem o racismo estrutural	BLOGUEIRINHA: não, não...mas na minha última coleção eu coloquei várias modelos negras usando as minhas roupas, porque eu vi que tava pegando bem, então eu também fiz. Legal, né? (vídeo: “Empresa antirracista”).
	Branco Salvador	BLOGUEIRINHA: “ok. Eu não sei se você trabalha com permuta, mas eu posso te fazer a seguinte proposta: de repente eu posso fazer um sorteio no meu instagram, sorteando algum livro sobre racismo, sei lá ou fazer alguma <i>live</i> com algum artista negro. Tipo, eu não conheço muitos, mas eu posso dar um jeito... (qual é o nome dele?) ah, o Morgan Freeman...e isso eu vou colocar o meu engajamento em risco, tá? Mas assim, eu tenho um lema, que fazer o bem, não importa a quem. O que você acha?” (vídeo: “Reparação histórica”).
Pactos narcísicos da branquitude	Negação das diferenças raciais	BLOGUEIRINHA: olha, eu sou da raça humana. Eu sinto desde pequena que eu tenho a alma colorida. Meus pais sempre falavam... (vídeo: “Empresa antirracista”).  BLOGUEIRINHA: mas eu realmente me sinto de todas as cores (vídeo: “Empresa antirracista”).

	Não reconhecimento dos próprios privilégios	BLOGUEIRINHA: ai que bom. Porque o algoritmo também não me favorece. Ai moço, você pode repetir as primeiras coisas que cê falou, que eu tive um probleminha aqui e eu não consegui anotar? (vídeo: “Empresa antirracista”).
Branquitude acrítica	Supremacia branca	BLOGUEIRINHA: “Ah gente, não dá assim não. Olha moço, desculpa, eu tentei. Eu tentei estabelecer uma conversa, mas você não abre espaço pro diálogo, é sempre uma agressividade...eu tentei fazer minha parte, tá? Então eu vou fazer o seguinte: eu vou atrás dos meus direitos como cidadã. Aliás, cidadã não. Digital influencer. Melhor do que você. E vou falar com o banco concorrente com racismo culposo e quero ver se eles não vão me atender melhor lá, né? quero ver se o gerente não é mais aberto para os aliados, tá bom? E vou fazer meu pix com eles. Tá bom?” (vídeo: “Reparação histórica”).  BLOGUEIRINHA: “Que tendência usaria? Gente, tem uma tendência bafônica da Ucrânia, que é uma bandeira neonazista linda, super usaria; bater em manifestantes que tão defendendo a democracia e...acho que é isso...”(vídeo Quiz da Blogueira).
Racismo recreativo	Racismo recreativo	BLOGUEIRINHA: “Eu não bebo mais água, porque ela tá super contaminada. Então eu, particularmente, fico bastante desidratada. Neste caso, eu capricho no hidratante. Essa linha de cremes eu amo porque ela é bastante pesada, o mais leve pesa sete arrobas como um quilombola que não serve nem para procriar.” (vídeo: “Skincare do Fim do Mundo”).

**Fonte: a autora com base na pesquisa**

Na fase de inferências foram analisadas as categorias que emergiram dos resultados desta etapa da pesquisa, a fim de se identificar os principais aspectos relacionados às formas como a influenciadora Maria Bopp aborda as temáticas raciais e de branquitude.

### 3.3.1.2.1 Categoria Fragilidade Branca

A primeira categoria é constituída pelas subcategorias *O negro como site de busca e Não autorresponsabilização pelo próprio letramento racial* que, por sua vez, são compostas por dois códigos (trechos de falas) do vídeo intitulado *Reparação histórica*.

O vídeo é dividido em dois quadros. No quadro um, verifica-se uma mulher jovem branca, de cabelos loiros, de olhos claros. No quadro dois, verifica-se um homem jovem, negro e que, pelos acessórios que utiliza, aparenta ser um atendente de telemarketing.

O papel de destaque do vídeo é dado à mulher branca, tanto pelo conteúdo de suas falas, quanto pelo volume de suas falas que é maior que o volume de falas do homem negro.



As características do comportamento da mulher loira chamam a atenção por estarem intimamente relacionadas aos aspectos da branquitude, como por exemplo, o fato de ela achar que o homem negro deve informá-la sobre o que deve fazer para que se torne antirracista, além de se mostrar indignada com as alternativas que lhe são propostas pelo rapaz negro.

Além disso, em alguns momentos, a mulher se coloca em uma posição de vitimização quando alega desconhecer a dívida histórica decorrente da escravidão.

Em todos os momentos constata-se a presença de inconformidade e alienação da personagem branca com relação aos pontos discutidos com o rapaz negro, isso fica evidente, por exemplo, quando ela afirma que sempre ouviu dizerem que o trabalho escravo era um trabalho “voluntário”.

Verifica-se, ainda, a forte presença de ironia e sarcasmo, tanto nas falas da personagem branca, quanto nas falas do personagem negro, tendo em vista que a finalidade do vídeo aparenta ser a de realizar crítica política e social com humor.

A *Fragilidade Branca* ou a utilização, pelas pessoas brancas, de uma postura defensiva ou de recusa, bem como de uma postura de vitimização, quando são colocadas no centro do debate racial e se veem forçadas a pensar sobre seus privilégios, foi demonstrada pela obra de DiAngelo (2018). É possível inferir tais características na categoria analisada, na medida em que se verifica a adoção, pela personagem branca, de mecanismos de defesa, mas também de vitimização para não se autorresponsabilizar pelo seu próprio letramento racial e para não admitir que existam diferenças e desigualdades raciais. Da mesma forma, estes mecanismos de defesa e de vitimização são utilizados pela personagem branca para transferir esta responsabilidade para o personagem negro, bem como para não admitir que ela tenha responsabilidade na atuação da reparação histórica da escravidão. Isso fica evidente em todas as falas da personagem branca ao longo do vídeo, nas quais ela demonstra não estar disposta a se esforçar para ter um posicionamento antirracista, tampouco, realizar qualquer ação efetiva para que a reparação da dívida histórica dos brancos, em virtude da escravidão, seja concretizada.

### 3.3.1.2.2 *Categoria Branco Salvador*

Esta segunda categoria é constituída pelas subcategorias *Achar que medidas mitigadoras resolvem o racismo estrutural* e *Branco salvador* que, por sua vez, são constituídas por dois códigos (trechos de falas) dos vídeos intitulados *Empresa antirracista* e *Reparação histórica*, respectivamente.

O vídeo intitulado *Reparação histórica* foi descrito na categoria anterior e contém forte presença de ironia e sarcasmo, tanto nas falas da personagem branca, quanto nas falas do personagem negro, tendo em vista que a finalidade do vídeo aparenta ser a de realizar crítica política e social com humor.

O vídeo intitulado *Empresa antirracista* é dividido em dois quadros. No quadro um, verifica-se uma mulher jovem branca, de cabelos loiros, de olhos claros. No quadro dois, verifica-se um homem jovem, negro e que, pelos acessórios que utiliza, aparenta ser um atendente de telemarketing.

Neste vídeo o papel de destaque também é dado à mulher branca, tanto pelo conteúdo de suas falas, quanto pelo volume de suas falas que é maior que o volume de falas do homem negro.

As características do comportamento da mulher loira chamam a atenção por estarem intimamente relacionadas aos aspectos da branquitude, como por exemplo, quando ela se coloca como uma espécie de “branca salvadora” ao definir, unilateralmente, que o personagem negro precisa da sua ajuda e se posicionar como garantidora do “fazer o bem sem olhar a quem”, sugerindo medidas mitigadoras que em nada alteram a estrutura social racista. Ressalta-se que, em nenhum momento, a personagem branca questiona o personagem negro sobre a necessidade ou adequabilidade das medidas que está propondo, ou seja, ela define o quê e como fazer para solucionar o que ela definiu sozinha como necessidade para o personagem negro.

Além disso, em todos os momentos, constata-se a presença de inconformidade e alienação da personagem branca com relação aos pontos discutidos com o rapaz negro. Aqui também se verifica a utilização constante de ironia e sarcasmo nas falas de ambos os personagens, tendo em vista que a finalidade do vídeo aparenta ser a de realizar crítica política e social com humor.

O *Branco Salvador* ou as pessoas brancas que se colocam em posição de definidoras e garantidoras das necessidades de pessoas negras foram destacadas por Cole (2012). É possível inferir estas características na presente categoria, tanto no vídeo intitulado *Reparação histórica*, quanto no vídeo intitulado *Empresa antirracista*. Isso porque a personagem branca externa uma aparente preocupação com as questões raciais e com suas próprias práticas raciais enquanto mulher branca. No entanto, percebe-se a presença do elemento constitutivo da branquitude denominado de *Branco Salvador*, na medida em que ela se coloca à margem da problemática racial, como se não fizesse parte dela, mas fizesse parte, apenas, da solução. Além disso, esta solução é definida unilateralmente pela personagem branca e é resumida por ela, na adoção de simples medidas mitigadoras que em nada alteram a estrutura social racista, porque não

consideram o problema racial em toda a sua complexidade. Ao mesmo tempo, essas medidas mitigadoras lhe dão a aparência de que ela está fazendo a sua parte na solução do problema e, com isso, satisfazem suas necessidades emocionais.

### 3.3.1.2.3 *Categoria Pactos Narcísicos da branquitude*

Esta terceira categoria é formada pelas subcategorias *Negação das diferenças raciais*, que é composta por dois códigos (trechos das falas), e *Não reconhecimento dos próprios privilégios*, que é composta por um código, do vídeo intitulado *Empresa antirracista*, já descrito nas seções anteriores.

No vídeo, as características do comportamento da mulher loira chamam a atenção por estarem intimamente relacionadas a aspectos da branquitude, especialmente com os *Pactos Narcísicos* que ela estabelece. Como exemplo, cita-se o fato de ela negar que existam diferenças raciais ao afirmar: “olha, eu sou da raça humana. Eu sinto desde pequena que tenho a alma colorida”. Além disso, aspectos condizentes com os *pactos narcísicos* são verificados quando ela finge ignorar que o algoritmo a privilegia enquanto mulher branca, especialmente quando ela afirma: “ai que bom. Porque o algoritmo também não me favorece”.

Os *Pactos Narcísicos*, ou pactos de omissão e de silenciamento dos brancos com relação aos seus privilégios e à desigualdade racial e à sua responsabilidade frente à essa desigualdade, foram evidenciados pela pesquisa de Bento (2002) e dizem respeito, dentre outros fatores, ao medo que os brancos têm de perder seus privilégios. Nesse sentido, é possível inferir desta categoria que, apesar de a personagem branca demonstrar uma aparente preocupação com sua responsabilidade diante das desigualdades raciais, ela não demonstra real intenção em alterar o estado das coisas. Pelo contrário, suas palavras e propostas de medidas mitigadoras não alteram a estrutura racial e apenas colaboram para a manutenção da hegemonia branca, na medida em que dão a falsa percepção de que a personagem está fazendo algo para mudar a realidade que a privilegia, quando não está.

### 3.3.1.2.4 *Categoria Branquitude Acrítica*

Esta quarta categoria é constituída pela subcategoria *Supremacia Branca* que, por sua vez, constitui-se por um código (trecho de fala) do vídeo intitulado *Reparação histórica*, que foi descrito nas seções anteriores.

Neste vídeo, também é possível se constatar, nas falas da personagem branca, a presença da supremacia branca, que é uma das características do que Cardoso (2010) denominou de *Branquitude Acrítica*, especialmente quando ela afirma ao personagem negro:

“Então eu vou fazer o seguinte: eu vou atrás dos meus direitos como cidadã. Aliás, cidadã, não. *Digital influencer*. Melhor do que você”.

Em outro trecho, do vídeo intitulado *Quiz da Blogueira*, também é possível identificar a presença de supremacia branca, especialmente quando a personagem é questionada sobre qual tendência usaria e ela responde: “gente, tem uma tendência bafônica da Ucrânia, que é uma bandeira neonazista linda, super usaria; bater em manifestantes que tão defendendo a democracia e...acho que é isso...”

A *Branquitude Acrítica* ou aqueles indivíduos ou grupos de pessoas brancas que sustentam a superioridade racial dos brancos, publicamente ou em sua esfera privada, foi evidenciada por Cardoso (2010). Nesse sentido, infere-se desta categoria que a personagem branca se coloca como superior ao personagem negro. Em contrapartida, ela demonstra, em tese, uma preocupação com o seu papel na reparação da dívida histórica decorrente da escravidão. Todavia, da análise contextual do vídeo, verifica-se que não se trata de uma preocupação legítima e sim de uma tentativa de camuflar o seu sentimento de superioridade racial.

### 3.3.1.2.5 Categoria Racismo Recreativo

A quinta e última categoria analítica desta etapa se constitui pela subcategoria *Racismo Recreativo* que é composta por um código (trecho de fala) do vídeo intitulado *Skincare do Fim do Mundo*. O vídeo é constituído por apenas um quadro e uma personagem, no qual se verifica uma mulher jovem branca, de cabelos loiros e de olhos claros.

No vídeo, notam-se aspectos relacionados à branquitude e também ao denominado *Racismo Recreativo*, quando ela se refere, de forma negativa, aos quilombolas, especialmente quando afirma: “Essa linha de cremes eu amo porque ela é bastante pesada, o mais leve pesa sete arrobas como um quilombola que não serve nem para procriar”.

Neste vídeo também se verifica a forte presença de ironia e sarcasmo nas falas da personagem, tendo em vista que a finalidade do vídeo aparenta ser a de realizar crítica política e social com humor.

A utilização do humor como forma de expressar e encobrir a hostilidade racial ou o denominado *Racismo Recreativo* foi evidenciada por MOREIRA (2019). No contexto desta categoria analisada, infere-se que a Maria Bopp, utiliza a sua personagem Blogueirinha do Fim do Mundo para ironizar, com humor, uma fala do ex-Presidente do Brasil que afirmou em uma palestra que proferiu: “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão

por ano é gasto com eles” (UOL, 2017). Ou seja, desta categoria, infere-se que a piada com os quilombolas nada mais é do que uma forma de tentar mascarar, por meio do racismo recreativo, o preconceito e a hostilidade racial de quem a proferiu, neste caso, a personagem.

### 3.3.2 Análise quantitativa dos comentários dos vídeos/*reels* do Instagram

O segundo momento, constituiu-se da etapa quantitativa da análise de conteúdo, na qual se buscou identificar os tipos de reações dos seguidores da Maria Bopp às publicações em que ela aborda questões ligadas à temática racial e à branquitude, com a intenção de se descobrir o que há por trás dos conteúdos manifestos. (MINAYO, 2003).

Na coleta de dados em campo, foram selecionados todos os comentários postados nos vídeos do Instagram objetos desta pesquisa e inseridos no programa Atlas.TI. Com o auxílio do referido programa, gerou-se um documento contendo todas as palavras e *emojis* postados nos comentários, com suas respectivas frequências (quantidades) de aparições, num total de 29.889 itens entre palavras e *emojis*. *Emojis* são ícones gráficos computacionais desenvolvidos com o objetivo de "facilitar a expressão de emoções em conversas baseadas em texto" (KONRAD, HERRING e CHOI, 2020, p. 217).

Para a seleção das amostras, adotou-se, primeiramente, o critério de busca das trinta primeiras palavras e dos trinta primeiros *emojis* dentre aqueles com maior frequência de aparição nos comentários e que expressavam concordância ou aprovação em relação aos conteúdos dos vídeos.

De forma semelhante, em seguida, realizou-se a busca pelas trinta primeiras palavras e pelos trinta primeiros *emojis* dentre aqueles com maior frequência de aparição nos comentários, mas que expressavam discordância ou desaprovação em relação aos conteúdos dos vídeos.

Após, utilizou-se a ferramenta nuvem de palavras do programa Atlas.TI. A nuvem de palavras é uma ferramenta que possibilita a visualização de dados linguísticos por meio da frequência com que as palavras se apresentam em um texto específico (LUNARDI; DE CASTRO & MONAT, 2008). Além disso, com a utilização da nuvem de palavras, é possível se obter uma compreensão rápida e resumida do conteúdo de determinado texto ou grupo de textos com base nas palavras que mais aparecem neles (LUNARDI; DE CASTRO & MONAT, 2008).

Desse modo, buscou-se trazer por meio da nuvem, as palavras e *emojis* mais utilizados nos comentários postados pelos seguidores da Maria Bopp, evidenciando o nível de importância

desses comentários em relação ao conteúdo total de comentários postados nos vídeos, tendo em vista que:

“Quando esses dados são apresentados em forma de nuvem, é possível perceber a importância de determinada palavra em comparação ao todo, no caso, o número total de palavras. Essa informação adicional comunica a importância semântica, ou o contexto das palavras mostradas. Uma nuvem de texto é uma proposta visual para comunicar relações importantes e dimensões adicionais de significados dentro das limitações de um espaço plano” (LUNARDI; DE CASTRO & MONAT, 2008, p. 23).

Além disso, a nuvem de palavras não apenas apresentou um resumo dos comentários dos seguidores em cada vídeo, como possibilitou que se observassem os graus de aprovação/desaprovação e concordância/discordância dos seguidores da Maria Bopp com relação aos vídeos em que ela aborda temáticas raciais e branquitude.

A nuvem 1 apresenta os comentários que demonstram concordância ou aprovação em relação ao conteúdo dos vídeos, enquanto a nuvem 2, evidencia os comentários que demonstram discordância ou desaprovação:

**Nuvem de palavras 1 - comentários que demonstram concordância ou aprovação em relação ao conteúdo dos vídeos**



Fonte: a autora com base nos dados da pesquisa

## Nuvem de palavras 2 - comentários que demonstram discordância ou desaprovação em relação ao conteúdo dos vídeos




















Fonte: a autora com base nos dados da pesquisa

Também foram analisados os *emojis* mais utilizados pelos usuários nos comentários dos vídeos postados no Instagram. A tabela 1 apresenta os *emojis* que demonstram concordância ou aprovação em relação ao conteúdo dos vídeos, enquanto a tabela 2, evidencia os *emojis* que demonstram discordância ou desaprovação:







Tabela 1 – *Emojis* que demonstram concordância ou aprovação

Emojis	Dívida histórica	Empresa antirracista	Meu bisavô era negro, eu jamais ia querer ofendê-lo	Quiz da Blogueira	Racismo reverso é muito chato	Skincare do fim do mundo	Total
👏	3879	3173	3468	1403	374	2494	14791
😄	487	1208	1597	477	1026	523	5318
❤️	703	389	952	426	175	841	3486
👏	886	121	109	332	72	514	2034
😄	385	240	433	312	74	541	1985
👏	645	68	143	187	30	282	1355
🙄	197	53	50	144	310	108	862
❤️	101	6	10	50	22	111	300
🙏	33	19	86	23	21	32	214
😄	19	3	14	42	19	73	170
😄	29	22	7	10	8	26	102
😄	10	5	10	11	23	35	94


	26	2	1	24	4	36	93
	12	9	15	14	5	8	63
	27	3	28	1	0	2	61
	17	1	1	4	13	10	46
	10	0	3	17	4	10	44
	2	0	2	8	16	15	43
	19	0	6	5	1	11	42
	6	1	8	6	9	11	41
	25	0	0	2	0	14	41
	12	0	1	0	1	24	38
	19	0	2	6	2	8	37
	17	4	11	0	0	4	36
	12	0	6	8	5	3	34
	3	0	13	0	11	0	27
	17	0	0	2	1	6	26
	14	1	2	4	0	5	26
	7	1	0	3	3	12	26

Fonte: a autora com base na pesquisa

**Tabela 2 - Emojis que demonstram discordância ou desaprovação**

Emojis	Dívida histórica	Empresa antirracista	Meu bisavô era negro, eu jamais ia querer ofendê-lo	Quiz da Blogueira	Racismo reverso é muito chato	Skincare do fim do mundo	Total
	9	11	72	1	8	1	102
	13	0	43	4	16	1	77
	1	0	6	3	8	7	25
	5	2	3	0	2	2	14
	5	0	3	0	0	3	11
	0	0	6	1	1	3	11



	0	0	9	0	1	0	10
---	---	---	---	---	---	---	----

**Fonte: a autora com base na pesquisa**

Os resultados apresentados evidenciam que há um desequilíbrio entre as quantidades de comentários que demonstram concordância ou aprovação e aqueles que demonstram discordância ou desaprovação. Nesse sentido, verificou-se que o número de comentários e *emojis* que expressam concordância ou aprovação a respeito do conteúdo dos vídeos é superior ao número dos comentários e *emojis* que expressam discordância ou desaprovação. Neste ponto, destaca-se que, além dos sete *emojis* apresentados, não foram encontrados outros *emojis* de discordância ou desaprovação dentre os primeiros mil comentários analisados.

Dentre os comentários e *emojis* que demonstram concordância ou aprovação, verifica-se que, apesar da atuação da Maria Bopp e do ator Marcos Felipe Oli nos vídeos *Reparação histórica e Empresa antirracista*, pelo menos sete das trinta palavras são elogios que, aparentemente, são direcionados somente à Maria Bopp ou à personagem Blogueirinha do Fim do Mundo: “maravilhosa”, “perfeita”, “necessária”, “gênia”, “linda”, “arrasou” e “arrasa”. Este número é reduzido para quatro palavras quando os elogios se referem a ambos (Maria Bopp e Marcos Oli): “maravilhosos”, “gênios”, “perfeitos” e “arrasaram”.

Também foi possível constatar que o nome da Maria Bopp apareceu entre as trinta palavras mais citadas, enquanto o do ator Marcos Felipe Oli não apareceu. Em análise complementar, verificou-se que o nome dele apareceu apenas na 241ª posição da lista de palavras.

Com relação aos comentários e *emojis* que demonstram discordância ou desaprovação em relação ao conteúdo dos vídeos, verifica-se que, pelo menos, três deles, aparentemente, se referem diretamente à Maria Bopp ou à personagem Blogueirinha do Fim do Mundo: “ridícula”, “chata” e “hipócrita”. Os demais comentários, aparentemente, dizem respeito ao conteúdo apresentado nos vídeos: “mimimi”, “merda”, “mimi” e “besteira” e outros podem dizer respeito tanto ao conteúdo apresentado nos vídeos quanto ao ator Marcos Felipe Oli: “chato” e “ridículo”.

Em síntese, é possível inferir desta etapa da pesquisa que os vídeos/*reels* do Instagram da Maria Bopp, que abordam as temáticas raciais e de branquitude, ensejaram mais reações positivas em seus seguidores, que reações negativas. Ou seja, aparentemente, a maioria do seu público demonstra concordar com o que ela fala nos vídeos, em que pese haja um pequeno número de comentários e reações (*emojis*) que demonstram o contrário. Por outro lado,

verificou-se que, mesmo quando há a atuação do ator Marcos Felipe Oli nos vídeos, a maior parte dos comentários positivos é direcionada a ela e não a ele.

Além disso, pela quantidade de vezes que o nome de cada um aparece na lista de palavras, verifica-se que há maior reconhecimento do nome da Maria Bopp que do nome do ator Marcos Felipe Oli.

Essa maior visibilidade da Maria Bopp também se reflete na quantidade de comentários negativos que são mais direcionados a ela que ao ator Marcos Felipe Oli. Todavia, não é possível se afirmar que o maior reconhecimento e a maior visibilidade da Maria Bopp são resultados de um maior apreço do público por ela que pelo ator Marcos Felipe. Isso porque, dos seis vídeos analisados, ela atua sozinha em quatro e com o referido ator ela atua em dois, pelo que se depreende que a maior quantidade de aparições do nome da Maria Bopp nos comentários pode ser decorrente, tanto do seu maior número de atuações sozinha nos vídeos, quanto de um maior apreço do público por ela.

## 4 CONCLUSÕES

Quanto ao alcance dos objetivos da dissertação, acredita-se que o objetivo geral, que foi realizar uma análise crítica das motivações e da categoria Branquitude a partir das postagens da personagem Blogueirinha do Fim do Mundo e das reações dos seus seguidores a estas abordagens no Youtube e Instagram, foi alcançado. Além disso, os três objetivos específicos que o compõem e que foram propostos no item 1.2 foram executados de maneira satisfatória. A seguir, é feito um balanço dos objetivos específicos.

O primeiro objetivo específico identificou 7 motivações principais que levaram a Maria Bopp a criar a personagem Blogueirinha do Fim do Mundo e abordar temáticas raciais e de branquitude. Ele foi atingido com a utilização da análise de conteúdo dos vídeos das entrevistas que a Maria Bopp concedeu a diversos programas de televisão e canais disponíveis no Youtube, cujo método é apresentado no item 3.2. Foram pesquisados os termos “Maria Bopp Blogueirinha” na plataforma Youtube, com o intuito de se localizar vídeos de entrevistas em que a Maria Bopp não estivesse representando nenhuma das suas personagens e sim, falasse como ela mesma.

Além disso, em uma análise exploratória, buscou-se identificar os vídeos em que ela falasse da sua experiência pessoal e das motivações que a levaram a criar a sua personagem mais afamada e, por meio dela, abordar as temáticas tratadas nesta pesquisa.

Após a aplicação dos critérios adotados, chegou-se a, aproximadamente, 3 horas de vídeos que compuseram o *corpus* do trabalho e foram descritos no quadro 1. Em seguida, os vídeos selecionados foram transcritos e analisados. Neste processo foi possível observar, nas motivações da Maria Bopp, diferentes características do que a literatura denomina de branquitude, conforme descrito no quadro 2. Além das motivações da Maria Bopp para criar a personagem Blogueirinha do Fim do Mundo, observaram-se outros aspectos relacionados à sua autopercepção como pessoa branca, consoante mostrado no quadro 3.

O segundo e o terceiro objetivos específicos identificaram as formas com que a Maria Bopp aborda as temáticas raciais e de branquitude, bem como as características dos comentários dos seguidores da influenciadora a esse tipo de abordagem. Eles foram concretizados em dois momentos, com a utilização da análise de conteúdo e da nuvem de palavras, cujos métodos estão descritos no item 3.3.2.

Para o alcance destes objetivos, foi feita uma pesquisa exploratória no perfil da influenciadora no Instagram, no intuito de se identificar os vídeos em que ela abordasse as temáticas relacionadas à pesquisa, que resultou em 6 vídeos que compuseram o objeto de

análise e foram descritos no quadro 1. Em seguida, os vídeos selecionados foram transcritos e analisados com base nos métodos mencionados.

No primeiro momento, foi possível observar, nas falas da personagem representada pela Maria Bopp, diferentes características do que a literatura denomina de branquitude, conforme descrito no quadro 4. No segundo momento, foi possível perceber as diferentes reações, entre palavras e *emojis*, dos seguidores da Maria Bopp ao conteúdo dos vídeos que ela postou, como resumido na nuvem de palavras 1, na nuvem de palavras 2 e evidenciado nas tabelas 1 e 2.

Com relação à resposta ao problema de pesquisa, o desenvolvimento do trabalho tratou, por meio da análise dos vídeos do Youtube e dos vídeos do Instagram, sobre as formas como a influenciadora digital Maria Bopp aborda as questões relacionadas às temáticas raciais e de branquitude, assim como identificou, por meio da análise dos comentários dos seus seguidores, a repercussão que ela causa neles com este tipo de abordagem.

Nos vídeos do Youtube analisados, a Maria Bopp estava sendo entrevistada e não representava nenhuma das suas personagens. Neles, foi possível identificar algumas das motivações que a levaram a criar a personagem Blogueirinha do Fim do Mundo que se tornou famosa no Instagram.

Nesse contexto, os vídeos do Instagram analisados eram divididos em um ou dois quadros. Em um quadro, quando a Maria Bopp atuava sozinha como a Blogueirinha, ou outra personagem feminina branca, e em dois quadros, quando a Maria Bopp atuava com Marcos Felipe Oli. Nos vídeos em que a Maria Bopp atuou com o Marcos Felipe Oli, o papel de destaque sempre foi dado à personagem branca representada por ela (na maioria dos vídeos a personagem era a Blogueirinha do Fim do Mundo), que apresentava diversas características da branquitude, conforme apresentado no quadro 4. Além disso, todos os vídeos eram fortemente marcados pela presença constante de ironia e sarcasmo, tendo em vista que a sua finalidade era, aparentemente, a de realizar crítica política e social com humor.

A pesquisa também identificou a repercussão que os vídeos da Maria Bopp causam em seus seguidores quando ela aborda temáticas relacionadas ao racismo e à branquitude, o que evidenciou que os vídeos/*reels* do Instagram da influenciadora causam mais impacto positivo que negativo em seus seguidores, como demonstrado na nuvem de palavras 1 e nas tabelas 1 e 2. No entanto, boa parte dos seguidores da Maria Bopp considera as questões abordadas como mero “mimimi”, conforme apresentado na nuvem de palavras 2.

Os vídeos também causam impactos diferentes na visibilidade/reconhecimento da Maria Bopp e do Marcos Felipe Oli. A primeira obtém maior reconhecimento do seu nome,

mas ao mesmo tempo, obtém uma quantidade maior de comentários negativos direcionados a ela. No entanto, quando se tratam de elogios, a Maria Bopp recebe o maior número.

Dentre as principais constatações, com relação às motivações extraídas das falas da Maria Bopp nos vídeos do Youtube (entrevistas), verificou-se que, inicialmente, o que motivou a influenciadora a criar a personagem Blogueirinha do Fim do Mundo foram o seu incômodo e a sua inquietação com o silêncio de outras pessoas famosas, especialmente influenciadores digitais, a respeito de graves acontecimentos sociais e políticos do país.

Unida a isso, estava a vontade que a Maria Bopp sentia de falar sobre esse silêncio, de forma irônica e cômica, para provocar outras pessoas que têm grande alcance nas redes sociais, mas não abordam estes assuntos. Assim, o que também motivou a influenciadora foi o seu desejo de que o trabalho que desenvolve incentive outras pessoas que têm grande alcance nas redes sociais a se posicionarem a respeito daqueles acontecimentos. Segundo ela, está na moda “colocar um quadradinho preto no Instagram” (CARTA CAPITAL, 2020), mas ela espera que esta moda se traduza em ações e não permaneça apenas nos discursos.

Nesse contexto, outra motivação verificada diz respeito ao fato de ela acreditar que, ao chamar a atenção de outros influenciadores com o seu trabalho, colabora para que barreiras raciais e de classe sejam ultrapassadas.

Todavia, não se verificou, nos dados analisados, evidências de que os vídeos da Blogueirinha do Fim do Mundo propiciem alguma alteração concreta na estrutura racial ou nos privilégios da branquitude abordados pela literatura e encontrados nos dados analisados. Pelo contrário, com o tempo, os vídeos da Blogueirinha do Fim do Mundo ganharam grande visibilidade, o que resultou, para a Maria Bopp, em um grande número de novos seguidores e na sua notoriedade, no meio artístico, como roteirista. Isso fez com que ela se reafirmasse no que a literatura denomina de lugar de privilégio da branquitude.

Consequentemente, o reconhecimento profissional e a satisfação pessoal também passaram a motivá-la quando ela percebeu aqueles resultados, na medida em que a sua atuação como a Blogueirinha do Fim do Mundo fez com que ela fosse reconhecida não apenas como atriz, mas também como roteirista devido aos textos dos vídeos que são escritos por ela. No entanto, apesar de a Maria Bopp chamar a atenção do seu público com vídeos sobre temáticas raciais e de branquitude, não é possível afirmar, com base nos dados analisados, que eles produzam um impacto que seja capaz de romper com barreiras raciais e de classe, como alegado pela influenciadora em sua entrevista à Carta Capital (2020).

Constatou-se, ainda, que a Maria Bopp afirma e demonstra ter consciência racial e de classe, pois admite que a sua aparência física e sua classe social a favoreceram e a colocaram

em posições privilegiadas, tanto na vida pessoal, quanto na vida profissional. Nesse sentido, ela afirmou que nunca passou por situações de constrangimento em decorrência da sua cor.

Ela também reconheceu que o algoritmo a favorece por ela ser branca, lhe propiciando maior engajamento e número de seguidores, enquanto desfavorece o seu colega de trabalho Marcos Felipe Oli, que é negro e têm menor engajamento e número de seguidores, apesar de ambos atuarem juntos em alguns dos vídeos da Blogueirinha.

Entretanto, mesmo diante de um cenário de desigualdade racial, quando questionada sobre o que ela esperava do futuro, Maria Bopp afirmou que estava otimista com relação à pauta antirracista e de discurso de ódio. Este sentimento de otimismo, mesmo diante de um cenário não favorável à solução das desigualdades raciais, não foi encontrado de forma explícita na literatura sobre branquitude, mas evidencia uma característica, ou um sentimento, que somente os brancos têm o privilégio de ter em uma sociedade estigmatizada pelo racismo e marcada pelos privilégios de uma hegemonia branca, como a brasileira. Em que pese nos últimos anos tenham ocorrido avanços em direção à solução das desigualdades raciais, ainda há muito a se percorrer e o cenário para os negros não é nada otimista, como mostram diariamente os noticiários.

Além disso, a mera consciência racial e de classe, bem como dos privilégios que decorrem do pertencimento à raça branca, não é capaz de produzir resultados sozinha. Como salientado pela influenciadora e pela literatura (SILVA, 2019), é necessário que esta consciência ultrapasse os discursos e se corporifique em ações efetivas. Discursos devem servir para motivar e fornecer caminhos para ações que transformem a realidade, de forma efetiva.

Porém, com base nos dados analisados, não é possível afirmar que o conteúdo produzido pela influenciadora altere, de forma significativa, a realidade racista em que vivemos. Também não se verificou nos dados, nenhuma ação da Maria Bopp para alterar o cenário de desfavorecimento do algoritmo em relação ao influenciador que atua com ela nos vídeos. Nesse contexto, os vídeos nos quais ela atua com o influenciador negro Marcos Felipe Oli chamam a atenção do público para questões relacionadas ao racismo e à branquitude. Mesmo assim, a maior parte dos aspectos positivos deles resultantes são direcionados a ela (maior reconhecimento, maior número de elogios, maior número de seguidores). Ou seja, a hegemonia branca que existe na sociedade se mantém também neste caso, assim como os privilégios da branquitude.

A respeito das limitações da presente pesquisa e das possibilidades de trabalhos futuros, acredita-se que o conteúdo analisado, tanto dos vídeos do Instagram quanto dos vídeos do Youtube, fornece apenas um recorte restrito do campo que poderia ser analisado para que se

chegasse a uma conclusão mais robusta a respeito das motivações da Maria Bopp e do impacto real que ela causa, em seu público, com os seus vídeos.

Dessa forma, entende-se que, em trabalhos futuros, a análise de um número maior de vídeos poderia fornecer um substrato mais consistente para conclusões mais efetivas, assim como o método da entrevista para identificar as motivações da Maria Bopp poderia fornecer outros dados não observados pela pesquisadora nas análises realizadas nesta dissertação.

## 5 REFERÊNCIAS

- ALAIMO, C.; KALLINIKOS, J. Computing the everyday: Social media as data platforms. **The Information Society**, v. 33, n. 4, p. 175-191, 2017. ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- ARRAIS, C. A. Belo Horizonte, a La Plata brasileira: entre a política e o Urbanismo Moderno. **Revista UFG**, v. 11, n. 6, p. 63-76, 2009.
- ARAÚJO, J. Z. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 979-985, 2008.
- ASSUMPÇÃO, M. et al. O Emprego das Mídias Sociais no Policiamento: Um Estudo sob a Lente da Prática. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 14, n. 1, 2022.
- BAGGIO, R. C.; RESADORI, A. H.; GONÇALVES, V. C. Raça e Biopolítica na América Latina: os limites do direito penal no enfrentamento ao racismo estrutural. **Revista Direito e Práxis**, v. 10, p. 1834-1862, 2019.
- BARBOSA, P. H. B. As Tarifas Alves Branco: entre o protecionismo e a preocupação fiscal. **Em Tempo de Histórias**, n. 24, p. 60-82, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1977.
- BARROS, M. Digitally crafting a resistant professional identity: The case of Brazilian ‘dirty’ bloggers. **Organization**, v. 25, n. 6, p. 755-783, 2018.
- BARROS, M.; MICHAUD, V. Worlds, words, and spaces of resistance: Democracy and social media in consumer co-ops. **Organization**, v. 27, n. 4, p. 578-612, 2020.
- BAYM, N. K. Social media and the struggle for society. **Social Media Society**, v. 1, n. 1, p. 1-2, 2015.
- BERNARDINO, J. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos afro-asiáticos**, v. 24, p. 247-273, 2002.
- BENTO, M. A. S. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. 185 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Acesso em: 2023-02-08.
- BERNARDINO, J. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos afro-asiáticos**, v. 24, p. 247-273, 2002.
- BONINA, C. et al. Digital platforms for development: Foundations and research agenda. **Information Systems Journal**, v. 31, n. 6, p. 869-902, 2021.
- BOPP, M. Empresa Antirracista. **Instagram**, 2021. 1 vídeo (2min52s). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CVoKyxpggcK/>. Acesso em 19 mai 2023.



BOPP, M. Skincare do Fim do Mundo. **Instagram**, 2020. 1 vídeo (3min38s). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9PLTleBOy3/>. Acesso em 19 mai 2023.

BOPP, M. Quiz da Blogueira. **Instagram**, 2020. 1 vídeo (7min49s). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CA-ie7iABbW/>. Acesso em 19 mai 2023.

BOPP, M. Racismo Reverso é muito chato. **Instagram**, 2020. 1 vídeo (2min3s). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDZqQpsBwzq/>. Acesso em 19 mai 2023.

BOPP, M. Dívida Histórica. **Instagram**, 2020. 1 vídeo (3min24s). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIB7IERhFjX/>. Acesso em 19 mai 2023.

BOPP, M. Meu bisavô era negro, eu jamais ia querer ofndê-lo. **Instagram**, 2021. 1 vídeo (1min15s). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNVuiC7Bgw7/>. Acesso em 19 mai 2023.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of computer-mediated Communication**, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.

BRAGA, J. S.; OLIVEIRA, J. S. As contribuições do conceito de pacto narcísicos da branquitude para as analyses organizacionais. *In*: XI ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD – ENEO 2022. Online. Disponível em [http://anpad.com.br/pt\\_br/event/details/117/1853](http://anpad.com.br/pt_br/event/details/117/1853). Acesso em 12 set. 2022.

BRASIL. Lei nº 5.465, de 3 de julho de 1968. Dispõe sobre o preenchimento de vagas nos estabelecimentos de ensino agrícola. Diário Oficial da União, 4 de julho 1968. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/15465.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/15465.htm). Acesso em 18 jan 2022.

BUCHER, T.; HELMOND, A. **The affordances of social media platforms**. 2017.

CAIRUS, José. Instrumentum vocale, mallams e alufás: o paradoxo islâmico da erudição na diáspora africana no Atlântico. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 4, p. 128-164, 2003.

CANAL GNT. **Política, Religião e Futebol se discute?:** Silvio Almeida e Maria Bopp. Bem juntinhos, 2021. 1 vídeo (22min38s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rCf81Z636ng>. Acesso em 8 jan 2023.

CANAL GNT. **Meritocracia, algoritmo racista e mais, com Maria Bopp, a Blogueirinha do Fim do Mundo**. Sexta Black, 2022. 1 vídeo (20min05s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BMUib7TIzyQ>. Acesso em 8 jan 2023.

CANAL INCONSCIENTE COLETIVO. **O mundo está acabando mas as blogueiras ainda existem**. Inconsciente Coletivo, 2020. 1 vídeo (18min07s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DFRhvarwn04>. Acesso em 8 jan 2023.

CARDOSO, L. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010.

CARDOSO, L. O branco “invisível”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007). **Orientador: Dr. Boaventura de Sousa Santos**, 2008.

CARDOSO, L. O branco-objeto: O movimento negro situando a branquitude. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 13, n. 1, 2011.

CARTA CAPITAL. **Arte e Ativismo**: entrevista com Maria Bopp. Carta Capital, 2020. 1 vídeo (1h45min). Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=Egtx\\_8eUUCw](https://www.youtube.com/watch?v=Egtx_8eUUCw). Acesso em 8 jan 2023.

CARVALHO, M. G. D. (1998). Tecnologia e sociedade. **Revista Tecnologia e Interação**. Curitiba: CEFET-PR, 89-102.

CASALÓ, L. V.; FLAVIÁN, C.; IBÁÑEZ-SÁNCHEZ, S. Influencers on Instagram: Antecedents and consequences of opinion leadership. **Journal of business research**, v. 117, p. 510-519, 2020.

CASTRO, A. Um corpo político contra a gordofobia. **Sul21**, 2022. Disponível em: [https://sul21.com.br/8mz\\_areazero/2020/03/luana-um-corpo-politico-contra-a-gordofobia/](https://sul21.com.br/8mz_areazero/2020/03/luana-um-corpo-politico-contra-a-gordofobia/). Acesso em 14 set. 2022.

CASTRO, L. F. Pesquisa revela que Brasil é o país dos influenciadores digitais. **Veja**, 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/pesquisa-revela-que-o-brasil-e-o-pais-dos-influenciadores-digitais/>. Acesso em 10/08/2022.

CHUEKE, G. V.; LIMA, M. C. Pesquisa Qualitativa: evolução e critérios. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 128, p. 63-69, 2012.

CLEMENTI, J. A.; SANTOS F. dos; FREIRE, P. de S.; BASTOS, L. C. Mídias sociais e redes sociais: conceitos e características. **SUCEG-Seminário de Universidade Corporativa e Escolas de Governo**, v. 1, n. 1, p. 455-466, 2017.

CRESWELL, J. W.; TASHAKKORI, A. Developing publishable mixed methods manuscripts. **Journal of Mixed Methods Research**, v. 1, n. 2, p. 107-111, 2007.

DA COSTA, A. C. S.; DE OLIVEIRA ARGUELHES, Delmo. A higienização social através do planejamento urbano de Belo Horizonte nos primeiros anos do século XX. **Universitas Humanas**, v. 5, n. 1, 2008.

DA CUNHA, M. C. **Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África**. Brasiliense, 1985, p. 114-115.

DANIELS, J. “My Brain Database Doesn’t See Skin Color” Color-Blind Racism in the Technology Industry and in Theorizing the Web. **American Behavioral Scientist**, v. 59, n. 11, p. 1377-1393, 2015.

DA SILVA, C. R. M.; TESSAROLO, F. M. Influenciadores digitais e as redes sociais enquanto plataformas de mídia. **XXXIX Intercom, São Paulo–SP**, 2016.

GIORDANI, M. S; HEIN, N. Determinantes do Uso Corporativo das Mídias Sociais do Facebook e Twitter. **BASE-Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos (ISSN: 1984-8196)**, v. 19, n. 2, p. 980-1005, 2022.

DE ARAÚJO, R. F.; DA SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco. Blackfishing e a transformação transracional monetizada. **COMUNIDADES, ALGORITMOS E ATIVISMOS DIGITAIS**, p. 104, 2020.

DAVENPORT, T. **Big data at work: dispelling the myths, uncovering the opportunities**. Harvard Business Review Press, 2014.

DE ARAÚJO, R. F.; DA SILVA JÚNIOR, J. F. Blackfishing e a transformação transracional monetizada. In SILVA, T. (Org.), **COMUNIDADES, ALGORITMOS E ATIVISMOS DIGITAIS: olhares afrodiáspóricos**, p. 103-119. São Paulo: LiteraRua. 2020.

DEKONINCK, H.; SCHMUCK, D. The mobilizing power of influencers for pro-environmental behavior intentions and political participation. **Environmental Communication**, p. 1-15, 2022.

DE SOUZA SILVA, K. A mão que afaga é a mesma que apedreja: Direito, imigração e a perpetuação do racismo estrutural no Brasil. **Revista Mbote**, v. 1, n. 1, p. 020-041, 2020.

DEZIN, N.; LINCOLN, Y. S. Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In DEZIN, N., LINCOLN, Y. S. (Eds.), **The SAGE book of Qualitative Research**, 1-32. Londres: SAGE Publications. 2005.

DIANGELO, R. **White fragility: Why it's so hard for white people to talk about racism**. Beacon Press, 2018.

DOMINGUES, P. J. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. **Estudos afro-asiáticos**, v. 24, p. 563-600, 2002.

DOS SANTOS, C. R. Da escravidão à imigração: a transição do trabalho escravo para o trabalho livre assalariado no Brasil. **Intertem@s ISSN 1677-1281**, v. 6, n. 6, 2003).

DUSSEL, E. 1492 **El encubrimiento del Otro: Hacia el origen del " mito de la modernidad"**. **Plural**, 1994, p. 11-56.

FANON, F. (1980). *Pele negra, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Fator. SILVA, Priscila Elisabete da et al. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, p. 19-30, 2017.

FLEURY, S.; OUVENEY, A. L. M. **Gestão de redes: a estratégia de regionalização da política de saúde**. Rio de Janeiro: FGV; 2011.

FLICK, U.; VON KARDOFF, E.; STEINKE, I. What is qualitative research? An introduction to field. In FLICK, U., VON KARDOFF, E., STEINKE, I. (Eds.), **A companion to qualitative research**, 3-11. Londres: SAGE Publications, 2004.

FREDRICKSON, G. M. In: **Racism**. Princeton University Press, 2015. (13-169)

- FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.
- GABRIEL, M. **Marketing na era digital: Conceitos, plataformas e estratégias**. São Paulo. Novatec Editora. 2010.
- GADELHA, R. M. A. F. A lei de terras (1850) e a abolição da escravidão: capitalismo e força de trabalho no Brasil do século XIX. **Revista de História**, n. 120, p. 153-162, 1989.
- GARCÍA, E. G. A. Rastreando el origen de las estructuras del conocimiento occidental fundadas en el racismo epistémico. Hacia una nueva propuesta para la descolonización del pensamiento. **Revista PRAXIS**, n. 77, p. 1-23, 2018.
- GIBSON, C. B.; DUNLOP, P. D.; MAJCHRZAK, A.; CHIA, T. Sustaining effectiveness in global teams: The coevolution of knowledge management activities and technology affordances. **Organization Science**, v. 33, n. 3, p. 1018-1048, 2022.
- GONZAGA, P. R. B.; CUNHA, V. M. Uma Pandemia Viral em Contexto de Racismo Estrutural: Desvelando a Generificação do Genocídio Negro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, 2020.
- GOUVÊA, J. B.; DE OLIVEIRA, Josiane Silva. Por que branquitudes, por que (somente) agora? **Caderno de Administração**, v. 28, n. 2, p. 5-14, 2020.
- GUIMARÃES, A. S. A. Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e estados Unidos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, p. 103-115, 1999.
- HALL, S. Raça, o significante flutuante. Tradução Liv Sovik em colaboração com Katia Santos. **Z Cultural**, p. 1-6, 2015.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 10ª. ed. Rio de Janeiro: DP&a, 2005.
- HOFBAUER, A. Branqueamento e democracia racial: sobre as entranhas do racismo no Brasil. **Por que “raça**, p. 151-188, 2016.
- HOFBAUER, A. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. Unesp, 2006.
- HU, M.; CHEN, J.; CHEN, Q.; HE, W. It pays off to be authentic: An examination of direct versus indirect brand mentions on social media. **Journal of Business Research**, v. 117, p. 19-28, 2020.
- ISAAC, B. The invention of racism in classical antiquity. In: **The Invention of Racism in Classical Antiquity**. Princeton University Press, 2013, p. 1-91.
- IZECKSOHN, V. O Recrutamento de Libertos para a Guerra do Paraguai. **Navigator**, v. 11, n. 21, p. 96-110, 2015.
- JIMÉNEZ-CASTILLO, D.; SÁNCHEZ-FERNÁNDEZ, R. The role of digital influencers in brand recommendation: Examining their impact on engagement, expected value and purchase intention. **International Journal of Information Management**, v. 49, p. 366-376, 2019.

KARHAWI, I. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Communicare**, v. 17, n. 12, p. 46-6, 2017.

KATZ, Y. **Artificial whiteness: Politics and ideology in artificial intelligence**. Columbia University Press, 2020.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

KONRAD, A.; HERRING, S. C.; CHOI, D. Sticker and emoji use in Facebook Messenger: Implications for graphicon change. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 25, n. 3, p. 217-235, 2020.

KOSKI, H.; PAJARINEN, M.; ROUVINEN, P. What company characteristics are associated with the adoption of social media?. **Industry and Innovation**, v. 26, n. 8, p. 880-897, 2019.

LANDER, E. et al. (Ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005. p. 21-53.

LAWSON, C. E. Skin deep: Callout strategies, influencers, and racism in the online beauty community. **New Media & Society**, v. 23, n. 3, p. 596-612, 2021.

LEONARDI, P. M.; VAAST, E. Social media and their affordances for organizing: A review and agenda for research. **Academy of Management Annals**, v. 11, n. 1, p. 150-188, 2017.

LESSA, R. Brasil lidera mercado de 'influencers'. Valor Econômico, 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2022/07/29/brasil-lidera-mercado-de-influencers.ghtml>. Acesso em: 11/08/2022.

LÉVY, P. O que é o virtual?. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIN, J.; LUO, Z.; BENITEZ, J.; LUO, X. R.; POPOVIC, A. Why do organizations leverage social media to create business value? An external factor-centric empirical investigation. **Decision Support Systems**, v. 151, p. 113628, 2021.

LUNARDI, M. S.; CASTRO, J. M. F.; MONAT, A. Visualização dos resultados do Yahoo em nuvens de texto: uma aplicação construída a partir de web services. **Revista Brasileira de Design da Informação**. 5 – 1, 20-34, 2008.

MARQUESE, R. **Escravidão e capitalismo histórico do século XIX: Cuba, Brasil, Estados Unidos**. Editora José Olympio, 2016. p. 12-61.

MARQUESE, R. B. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos estudos CEBRAP**, p. 107-123, 2006.

MENDONÇA, L. P. " QUEM MATOU MARIELLE? E POR QUÊ?": Disputa de sentido na Rede Social Digital Twitter. **REFAQI-Revista Eletrônica em Gestão e Tecnologia**, v. 7, n. 1, p. 18-33, 2021.

MICHAEL, A. Researching Bodies: Embodied Fieldwork for Knowledge Work, Which Turns Out To Be Embodied. In C. CASSEL, A. L.; CUNLIFFE; G. GRANDY (Eds.), **The SAGE handbook of qualitative business and management research methods**, 253–269. Londres: SAGE Publications. 2018.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista brasileira de ciências sociais*, v. 32, 2017.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MONTELATTO, L. **Você sabe quem são os influenciadores digitais?** Disponível em <<http://www.administradores.com.br/artigos/marketing/voce-sabe-quemsao-osinfluenciadores-digitais/89940/>> Acesso em: 17 set. 2022.

MOORE, C. Racismo e Sociedade—novas práticas epistemológicas para entender o racismo. **Belo Horizonte: Mazza Edições**, 2007.

MOREIRA, A. **Racismo recreativo**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

MORGAN, G.; SMIRCICH, L. The case for qualitative research. **Academy of management review**, v. 5, n. 4, p. 491-500, 1980.

MOTA, B. S.; BITTENCOURT, M.; VIANA, P. M. F. A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia. **E-Compós**, v. 17, n. 3, 2014.

MOURA, C. **Dialética radical do Brasil negro**. Editora Anita, 1994, p. 35-90.

MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro**. Editora Perspectiva SA, 2020, p. 80-94.

MUNANGA, K. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. **Revista de antropologia**, p. 109-117, 1990).

NETO, J. M.; BRANDAO, W. A. Analysis Of the relationships between social media use intensity, electronic word-of-mouth, and conspicuous consumption. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 21, n. 4, p. 93-110, 2021.

NICOCELI, A. Giovana Ewbank relata episódios de racismo contra seus filhos em Portugal. CNN Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/giovanna-ewbank-relata-episodio-de-racismo-contra-seus-filhos-em-portugal/>. Acesso em 14 set. 2022.

NOBLE, S. U. Algorithms of oppression: how search engines reinforce racism: nyu press. 2018.

NÓBREGA, R.; DAFLON, Verônica Toste. Da escravidão às migrações: raça e etnicidade nas relações de trabalho no Brasil. **Latin American Studies Association**, p. 1-30, 2009.

OLI. M. BAA Talent Management, 2023. Disponível em: <https://www.baa.com.br/agenciado/marcos-oli/>. Acesso em 20 jan. 2023.

OLIVEIRA, J. S.; GOUVÊA, J. B. Os pactos narcísicos da branquitude na (des) construção do acesso ao campo etnográfico de pesquisa. **XLIV. Anais... Rio Grande do Sul**, 2020.

OLIVEIRA, R. G. de et al. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2020.

OLSEN, A. C. L.; KOZICKI, K. O constitucionalismo transformador como instrumento de enfrentamento do racismo estrutural: o papel do STF. **Suprema-Revista de Estudos Constitucionais**, v. 1, n. 1, p. 82-118, 2021.

OMI, M.; WINANT, H. **Racial formation in the United States**. Routledge, 2014.

O'REILLY, T. What is Web 2.0: Design patterns and business models for the next generation of software. **Communications & strategies**, n. 1, p. 17, 2007.

PANTA, M. População negra e o direito à cidade: interfaces sobre raça e espaço urbano no Brasil. 2019.

PÉREZ-CURIEL, C.; LIMÓN-NAHARRO, P. Political influencers. A study of Donald Trump's personal brand on Twitter and its impact on the media and users. **Communication & Society**, p. 57-75, 2019.

PESSANHA, G. G.; SOARES, E. A. Apenas uma postagem? Previsões de vendas diárias de empresas varejistas de beleza e cosmético a partir da influência de mídias sociais. **ReMark-Revista Brasileira de Marketing**, v. 20, n. 4, p. 241-266, 2021.

PÉTRÉ-GRENOUILLEAU, Olivier. **A história da escravidão**. Boitempo, 2009, p. 47-48.

PIEKKARI, R.; WELCH, C. The case study in management research: Beyond the positivis legacy of Eisenhardt and Yin?. In C. CASSEL, A. L.; CUNLIFFE; G. GRANDY (Eds.). **The SAGE Handbook of Qualitative Business and Research Methods**, 345-358, London: SAGE.

PINTO, J. R. S.; MIGNOLO, Walter D. A modernidade é de fato universal?: Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 15, p. 381-402, 2015.

POLIVANOV, B.; CARRERA, F. Perfect Bodies and Digital Influencers: Gendered Ruptures of Performance on Social Media in Brazil. **Cultural Politics**, v. 18, n. 1, p. 28-43, 2022.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO**, 2005.

REZENDE, A. F.; ANDRADE, L. F. S. Direito do Negro à Cidade: de uma Formação Socioespacial Racista à Utopia Lefebvriana. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 14, 2022.

RIBEIRO, F. S. O: ‘Eu estou na internet compartilhando erros e acertos. **Alma Preta**, 2020. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/eu-estou-na-internet-compartilhando-erros-e-acertos>. Acesso em 14 set. 2022.

RICHARDSON, R.J Pesquisa Social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SAFKO, L.; BRAKE, D. K. **A Bíblia da mídia social: táticas, ferramentas e estratégias para construir e transformar negócios**. Tradução James Gama. São Paulo: Blucher, 2010.

SANTINI, F. O. et. al. Customer engagement in social media: a framework and meta-analysis. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 48, n. 6, p. 1211-1228, 2020.

SANTOS, S. M; DA SILVA, P. P. P; DOS SANTOS, J.F. Gabriela Pugliesi: uma análise sobre o marketing de influência na rede social Instagram. **Intercom, Caruaru, PE**, 2016.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo: Branquitude, Hierarquia e Poder na Cidade de São Paulo**. Veneta, 2020.

SCHUCMAN, L. V. Branquitude e privilégio. **Violência e Sociedade: O racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo Brasileiro**. 1ed. São Paulo: Editora Escuta, v. 1, p. 137-150, 2018.

SCHÜNKE, C.; ANDREATTA, J. A.; SCHREIBER, D.; SCHMIDT, S.; MONTARDO, S. P. A contribuição dos influenciadores digitais para cocriação de valor em marcas de moda. **ReMark-Revista Brasileira de Marketing**, v. 20, n. 2, p. 226-251, 2021.

SCHWARTZ, S. B. Prata, açúcar e escravos: de como o império restaurou Portugal. **Tempo**, v. 12, p. 201-223, 2008.

SILVA, M. L. População-sacer e democracia racial no Brasil. **Sociedade e Estado**, v. 32, p. 593-620, 2017.

SILVA, M.D. F. da et al. Contribuições do conceito de branquitude às pesquisas sobre raça nos estudos organizacionais. **Anais do Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, RJ, Brasil**, v. 44, 2020.

SILVA, P. E. et al. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, p. 19-30, 2017.

SILVA, T. Linha do Tempo do Racismo Algorítmico. **Blog do Tarcízio Silva**, 2019. Disponível em: <https://tarciziosilva.com.br/blog/destaques/posts/racismo-algoritmico-linha-do-tempo/>. Acesso em: 14 set. 2022.

SILVA, T. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiáspóricos**, p. 121-135, 2020.



SOUZA, T. P. L.; TERCI, E. T.; Azeredo Coutinho, J. S. L. José da Silva Lisboa e as relações metrópole-colônia na crise do sistema colonial: concepções do pensamento econômico luso-brasileiro entre o mercantilismo, o pragmatismo e as ideias liberais. **Textos de Economia**, v. 22, n. 2, p. 1-34, 2019.

STAKE, R. E. **The art of case study research**. Lonon: SAGE. 1995.

STEVENSON, M. From hypertext to hype and back again: exploring the roots of social media in early web culture. In BURGESS, J.; MARWICK, A.; POELL, T. (Eds.). **The SAGE handbook of social media**, p. 69-88, 2018.

TASHAKKORI, A.; TEDDLIE, Charles; TEDDLIE, Charles B. **Mixed methodology: Combining qualitative and quantitative approaches**. sage, 1998.

TASHAKKORI, A.; TEDDLIE, Charles B. (2008). **Foundations of mixed methods research: integrating quantitative and qualitative approaches in the social and behavioral sciences**. New York: Sage Publications.

TREEM, J. W.; LEONARDI, P. M. Social media use in organizations: Exploring the affordances of visibility, editability, persistence, and association. **Annals of the International Communication Association**, v. 36, n. 1, p. 143-189, 2013.

TV 247. **Regina Zappa entrevista Maria Bopp, Blogueirinha do Fim do Mundo**. TV 247, 2020. 1 vídeo (34min25s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0D6Gpt76uu8>. Acesso em 8 jan 2023.

UPCHURCH, M.; GRASSMAN, R. Striking with social media: The contested (online) terrain of workplace conflict. **Organization**, v. 23, n. 5, p. 639-656, 2016.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity: A critical history of social media**. Oxford University Press, 2013.

VELLEDA, I. **Influenciadores brancos fecham 30% mais projetos que não brancos nas redes sociais, mostra pesquisa**. Forbes, 2021. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/talent-blog/referencia-bibliografica-abnt/#:~:text=Para%20fazer%20a%20refer%C3%Aancia%20de,data%20de%20publica%C3%A7%C3%A3o%20da%20obra>. Acesso em 11/08/2022.

VIANNA, Juliana da Rosa Maia Ressetti. Sou racista. E agora? Breves reflexões sobre racismo e Branquitude. In: **Nuevo Blog**, 12 nov. 2020. Disponível em: <https://nuevoblog.com/2020/11/12/sou-racista-e-agora-breves-reflexoes-sobre-racismo-e-branquitude/>. Acesso em: 18 jan 2023.

WANG, Y.; ZHANG, M; LI, S.; McLEAY, F.; GUPTA, S. Corporate responses to the coronavirus crisis and their impact on electronic-word-of-mouth and trust recovery: Evidence from social media. **British Journal of Management**, v. 32, n. 4, p. 1184-1202, 2021.

WARE, V. O poder duradouro da branquidade: ‘um problema a solucionar’. **Branquidade. Identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, Afro, p. 7-40, 2004.

WILLIAMS, E. **Capitalismo e escravidão**. Editora Companhia das Letras, 2012. p. 22-50.  
ZUBOFF, S. **The age of surveillance capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power: Barack Obama's books of 2019**. Profile books, 2019.